

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

Cassiana Matos de Moura

**A religião na cultura hipermoderna:
a personalização da crença em uma Igreja midiática**

Belo Horizonte

2017

Cassiana Matos de Moura

**A religião na cultura hipermoderna:
a personalização da crença em uma Igreja midiática**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como registro parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Augusto Senra Ribeiro.

Coorientador: Prof. Dr. Fabiano Victor Campos.

Área de concentração: Religião e contemporaneidade.

Belo Horizonte

2017

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

M929r Moura, Cassiana Matos de
A religião na cultura hipermoderna: a personalização da crença em uma Igreja midiática / Cassiana Matos de Moura. Belo Horizonte, 2017.
83 f.

Orientador: Flávio Augusto Senra Ribeiro
Coorientador: Fabiano Victor Campos
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

1. Religião e cultura. 2. Civilização moderna. 3. Lipovetsky, Gilles, 1944-. 4. Igrejas batistas - Belo Horizonte (MG). 5. Mídia digital - Religião. 6. Religiosidade. I. Ribeiro, Flávio Augusto Senra. II. Campos, Fabiano Victor. III Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. IV. Título.

CDU: 291.67

Cassiana Matos de Moura

**A religião na cultura hipermoderna:
a personalização da crença em uma igreja midiática.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como registro parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Augusto Senra Ribeiro.

Coorientador: Prof. Dr. Fabiano Victor Campos.

Prof. Dr. Flávio Augusto Senra Ribeiro – PUC MINAS – Orientador.

Prof. Dr. Fabiano Victor de Oliveira Campos – PUC MINAS – Coorientador.

Prof. Dr. Reinaldo Arruda Pereira – Faculdade Batista.

Prof. Dr. Antonio Geraldo Cantarela – PUC MINAS.

Belo Horizonte, 31 de agosto de 2017

AGRADECIMENTOS

À minha família, em especial ao meu esposo Douglas, aos meus pais Irani e Waldir e aos meus irmãos Nelson e Natalie, pelo incondicional apoio e incentivo, não me deixando fraquejar nessa longa e árdua batalha;

Ao professor, amigo e padrinho Flávio Senra, pela paciência e pelo carinho, e por acreditar que sou capaz de vencer essa etapa;

Ao professor e amigo Fabiano Campos, por aceitar o desafio de me coorientar, impulsionando-me e tornando este caminho menos doloroso;

Agradeço o fomento da CAPES que, com seu suporte financeiro, concedeu-me a possibilidade de enveredar nessa jornada;

Sou profundamente grata aos amigos Tatiane, minha fiel escudeira desde a graduação, e Matheus, minha alegria do mestrado, amigos esses que tornaram essa caminhada suave e feliz;

Aos amigos da Clínica Terapêutica Oficina do Ser, Silvania e Eduardo, por cuidarem de minha sanidade mental neste período;

Aos professores do PPGCR PUC MINAS, pelas trocas e compartilhamento de conhecimento. À secretária Dênia, que fez com que minhas idas e vindas ao Programa fossem leves e divertidas;

Aos amigos de longa data, que compreenderam minhas ausências nesses longos 30 meses e tanto me apoiaram nessa conquista;

A todos que de alguma maneira contribuíram para que eu trilhasse esse caminho.

*Eu? eu não domino a esgrima
Mas minha palavra, a minha palavra,
A minha palavra é afiada e contamina.
Minha ginga, meu jeito, minha voz que vem do gueto
Minha raça, minha cara, tua cara à tapa
O meu cabelo crespo
Não ponho na chapa, aguenta minha marra
Teu cartão não me paga
Minha ancestralidade no peito eu não tô te vendendo.
Há quem batize minha postura pura malandragem
Mas minha superação foi com muita dificuldade
Não é contando por contar, não é por vaidade
Mas peito pra encarar a vida louca com coragem,
Não é pra qualquer um...
Minha mãe minha testemunha: o preço, o zelo, o descontentamento,
Muita frustração, sem inspiração, sem passe, sem pão...
É, mãe... não se preocupa. Eu dou meus pulinho, eu dou meu jeito
Eu sempre me virei
E é claro, eu precisei de ajuda
Conhece a carne fraca?
Eu sou do tipo carne dura.*

(OLÉRIA, 2012)

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo analisar a religião na cultura hipermoderna, em uma igreja midiaticizada, à luz do conceito de personalização do filósofo francês Gilles Lipovetsky. Partindo do espaço empírico através do recurso da mídia, nos dedicamos a evidenciar os elementos que se coadunam ao que o referido autor aponta como característica do processo de personalização. Para tal empreitada, se fez necessário mergulhar na teoria de Lipovetsky, buscando trazer à tona os caminhos percorridos pelo autor para a construção do referido conceito, bem como a relação desse conceito com o universo religioso. Detivemo-nos a descrever o percurso da construção do modelo teórico de hipermodernidade, para melhor compreendermos a que ponto a religião na sociedade hipermoderna se encontra personalizada. Para dar um direcionamento ao nosso trabalho, escolhemos analisar a Igreja Batista da Lagoinha através de seus cultos televisionados, bem como das informações dispostas no site e no canal de TV.

Palavras-chave: Religião. Hipermodernidade. Gilles Lipovetsky. Personalização. Igreja Batista da Lagoinha.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze religion in hypermodern culture, in a church inserted in the media, based on the personalization concept of the French philosopher Gilles Lipovetsky. Starting from the empirical space through the media resource, we dedicated to show the elements that are in line with what the author points out as a characteristic of the personalization process. For this work, it was necessary to delve into Lipovetsky's theory, seeking to bring to the fore the paths taken by the author for the construction of the concept, as well as the relationship of this concept with the religious universe. We have set out to describe the course of the construction of the theoretical model of hypermodernity, in order to better understand the extent to which religion in hypermodern society is personalized. To give a direction to our work, we chose to analyze the Batista da Lagoinha Church by means of its televised services, as well as the information provided on the website and on the TV channel.

Keywords: Religion. Hypermodernity. Gilles Lipovetsky. Personalization. Batista da Lagoinha Church

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I: Igreja Batista da Lagoinha: os caminhos de igreja midiática ...	13
1.1 Contextualizando o campo: A Igreja Batista da Lagoinha	13
1.2 Culto “Fé”: uma palavra à juventude	22
1.3 Culto “Céu na Terra”: uma palavra ao conhecimento bíblico	31
CAPÍTULO II: As contribuições lipovetskyanas para o nosso estudo	38
2.1 Da modernidade à hipermodernidade	40
2.2 O individualismo no tempo: moderno e hipermoderno	44
2.3 A personalização	51
2.3.1 <i>O narcisismo</i>	55
2.3.2 <i>A sedução e o consumismo</i>	56
2.3.3 <i>Religião, consumo e construção de sentido na hipermodernidade</i>	58
CAPÍTULO III: A Igreja Batista da Lagoinha à luz do conceito lipovetskyano de personalização	61
3.1 A personalização da crença na Igreja Batista da Lagoinha: uma prática identitária	62
3.2 O espetáculo da personalização	69
3.3 A relação entre religião e consumo na cultura hipermoderna: uma outra face da personalização.....	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS	80

INTRODUÇÃO

A cultura contemporânea vem sendo alvo de constantes críticas, cujo foco é desmerecer e retomar nostalgicamente as benesses do passado. Contudo, compreendemos que o caminho de rechaçar a cultura atual não nos ajuda a lidar com ela. O autor a que recorreremos para contribuir com nossos *insights* acerca da cultura contemporânea tem uma perspectiva de análise crítica e ao mesmo tempo acolhedora desta cultura, nos propondo uma reflexão através da aceitação e da crítica do que temos.

Nesta ótica, buscaremos analisar a situação da religião na contemporaneidade, a partir do estudo de caso de uma igreja midiática, a Igreja Batista da Lagoinha, para demonstrar, através do conceito lipovetskyano de personalização, as mudanças e adequações que a religião vem sofrendo na atualidade.

Para tratar o tema da personalização, vários autores foram cogitados para contribuir com o desenrolar dos estudos. Contudo, a escolha por Gilles Lipovetsky se justifica, pois, a maneira com que ele trata a contemporaneidade, abordando a realidade como ela é e propondo uma reflexão acerca do que está posto diante de nós, se apresenta a nós como razoável e sensata. O autor desenvolve conceitos de extrema relevância para a análise da atualidade, tais como efemeridade, consumo, mercado midiático, bem como é relevante a sua proposta de evolução dos conceitos de modernidade, pós-modernidade e hipermodernidade. Por conseguinte, ele traz à tona uma série de caminhos distintos para entendermos a cultura contemporânea, bem como para compreendermos o modo como a religião pode ser percebida e entendida nessa modificação da sociedade.

Considerando os elementos ressaltados por Gilles Lipovetsky acerca da cultura contemporânea, buscamos, através da análise de dois cultos que foram transmitidos pela Rede Super de Televisão, canal de propriedade da instituição analisada, apontar modelos de personalização da crença em uma igreja midiática, no caso, a Igreja Batista da Lagoinha. Esta Igreja ocupa um importante espaço no universo religioso belo-horizontino, em especial no campo midiático, com canal de TV, site com programação ao vivo e online, dentre outras mídias interativas que fazem parte de nosso cotidiano.

Considerando o exponencial envolvimento da Igreja Batista da Lagoinha no universo midiático e as informações colhidas em nossa interpretação do modelo teórico do filósofo francês Gilles Lipovetsky, formulamos o seguinte questionamento, como base de nosso trabalho: Como a personalização pode influenciar no modelo de religião atual? De que maneira uma igreja midiaticizada pode evidenciar as características do processo de personalização da crença?

A partir destes questionamentos, escolhemos como objetivo principal estudar a transformação da religião a partir do estudo de caso de uma igreja midiaticizada. Para estruturar tal objetivo, nos orientamos a partir da hipótese de que algumas Igrejas tendem a se ajustar e a se reestruturar para que possam se manter na sociedade contemporânea. Hoje, as relações giram em torno da centralidade no indivíduo, da busca pelo bem-estar próprio e do foco no individualismo. Isso faz com que as instituições – neste caso, as religiosas – personalizem seu discurso, a postura dos ministros, o espaço físico, a emissão de informação, dentre outros elementos, para atender às várias demandas apresentadas pelos fiéis.

A partir desta hipótese, emergem os seguintes objetivos secundários: 1) descrever elementos que sugerem haver um processo de personalização da crença a partir da descrição de dois cultos assistidos através do canal Rede Super de Televisão; 2) apresentar os elementos expressivos do modelo teórico do filósofo francês Gilles Lipovetsky, ressaltando as características do processo de personalização; 3) analisar os elementos apresentados no primeiro capítulo à luz do modelo teórico de Gilles Lipovetsky acerca da personalização, associando esse referencial teórico à crença.

Diante das questões que permeiam esta dissertação, é importante ressaltar o procedimento metodológico que utilizamos para trilhar o nosso caminho. Partimos de uma pesquisa básica bibliográfica, com o intuito de identificar os trabalhos já realizados acerca da temática envolvendo o nosso referencial teórico. Posteriormente, fizemos uma análise fenomenológica dos cultos, onde recorremos ao que (FILORAMO E PRANDI, 2003) chamam de “análise descritiva e sistemática dos fenômenos religiosos, a partir de uma base comparada: por um lado, método comparativo cujos critérios e cujas modalidades variam com a variação das inclinações dos estudiosos de plantão; por outro, análise que em geral é desprovida de verdadeira consciência metodológica” (p.29) No que nos propomos a executar neste trabalho nos identificamos mais com a segunda parte da descrição uma análise desprovida de verdadeira consciência metodológica, uma vez que não temos o intuito de comparar um culto com outro ou de comparar com outras religiões.

Diante de tal pesquisa, constatamos os trabalhos que utilizam Gilles Lipovetsky como referência para tratar da religião. Em nossa busca, identificamos alguns trabalhos que analisam a perspectiva religiosa à luz da teoria de Lipovetsky. Dentre eles, destacam-se os seguintes: o de Costa (2012), que faz uma análise acerca da relação entre ética e religião, com o foco na obra *A sociedade pós-moralista*; e o de Cruz (2015), que discute sobre a felicidade e o consumo, apontando brevemente como a religião passa por essas áreas. É importante ressaltar que não

encontramos trabalhos que apresentem como foco a análise da religião tendo como direcionamento o conceito de personalização, o que valida o caráter inédito deste trabalho.

Entendemos que o nosso trabalho possa contribuir para o campo das Ciências da Religião, no sentido de apresentar alternativas de pesquisas que não contemplem como referência autores que trabalham sistematicamente com o domínio da religião. Tivemos como desafio analisar um contexto religioso com base em conceitos não propriamente religiosos, mas que compreendemos poder relacioná-los com o curso da religião na atualidade.

Pudemos perceber que Lipovetsky tem grande importância e aceitação, além de ser comumente referendado, em assuntos como moda, psicologia, consumo, mercado e ética. Entretanto, no que tange ao aspecto religioso da sociedade, o autor em foco sempre o apresenta em suas obras, mas não se dedica a escrever exclusivamente sobre o assunto. Sendo assim, devido à escassez de material bibliográfico de referência secundária para tratar do tema e pelo fato de Lipovetsky não ter um escrito específico e sistematizado sobre o assunto religião, nos dedicamos a ler outras obras do autor, com temas diferentes – tais como moda, consumo, etc. – , tentando perceber e identificar como eles se enlaçam com o tema da religião, no sentido específico da personalização da crença.

Para além da pesquisa bibliográfica, também nos enveredamos pelo universo midiático assistindo cultos veiculados pela Rede Super de Televisão e via *web*, no site da instituição. Visitamos o site do canal Rede Super de Televisão, o portal *lagoinha.com* e o site da Rádio Super, visando encontrar elementos que corroborem a nossa análise.

Uma vez que apontamos a nossa trajetória para a construção deste trabalho, passemos à apresentação da composição dos capítulos que constituem a dissertação. Esta se encontra dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, nos propomos a apresentar o nosso objeto de estudo, a Igreja Batista da Lagoinha. Optamos por dividir o primeiro capítulo em dois blocos. O primeiro bloco se dedica à breve apresentação histórica da instituição. Para tal, utilizamos dados da pesquisa do professor Reinaldo Arruda Pereira, disponíveis no portal *lagoinha.com*, além de artigos, teses e dissertações que apresentam a história da Igreja Batista da Lagoinha. No segundo bloco, nos dedicamos à descrição dos dois cultos assistidos. Nele apresentamos uma breve descrição dos cultos, identificando e expondo os elementos que entendemos estar relacionados com a teoria que nos propomos apresentar.

No segundo capítulo, apresentamos a teoria. Apontamos a trajetória do modelo teórico do filósofo Gilles Lipovetsky, bem como os autores que colaboraram para a construção de seu modelo teórico, nos dedicando às críticas a Foucault e a Guy Debord. Dividimos este capítulo em duas partes: a primeira dedica-se a apresentar a teoria do autor e seus caminhos para a

construção do conceito de hipermodernidade. Isso porque o conceito lipovetskyano de personalização, do qual nos valem para pensar a problemática da crença na Igreja Batista da Lagoinha, é um modelo teórico que o autor situa no que ele entende por modernidade e, sobretudo, por hipermodernidade, que é, a seus olhos, um período de exacerbação do período histórico da modernidade, momento em que hoje vivemos. Na segunda parte, nos dedicamos a descrever o que venha a ser o conceito lipovetskyano de personalização, bem como suas principais características, a fim de relacioná-lo, em nossa análise, à questão da crença, e assim pensar a realidade da Igreja Batista da Lagoinha a partir desse quadro teórico.

No terceiro e último capítulo, tivemos como empreitada combinar teoria e estudo empírico, apontando de que maneira o modelo teórico de Gilles Lipovetsky pode ser utilizado para compreender a efervescente presença de uma Igreja midiática na cultura contemporânea. Neste capítulo buscamos mostrar em que medida a personalização da crença pode ser percebida em diferentes dimensões da realidade religiosa da Igreja Batista da Lagoinha.

Por fim, em nossas considerações finais, retomamos sucintamente o caminho percorrido, as conclusões a que chegamos com esta pesquisa e alguns possíveis desdobramentos deste estudo para futuras investigações, a serem levadas a termo em um doutorado ou na execução de novas pesquisas.

CAPÍTULO I: Igreja Batista da Lagoinha: os caminhos de uma igreja midiática

Neste primeiro capítulo, nos atemos a contextualizar o campo de pesquisa que analisaremos nesta dissertação. Para tal, dividimos o texto em três partes. Na primeira parte delas, intitulada Contextualizando o campo: a Igreja Batista da Lagoinha, apresentaremos um breve histórico da instituição pesquisada. A partir do processo histórico de construção desta instituição, buscaremos dar pistas do porquê termos pensado essa realidade religiosa a partir do conceito lipovetskyano de personalização, de modo a propor a hipótese de que ocorre uma personalização da crença no âmbito de tal Igreja. Compreendemos que alguns aspectos na constituição histórica da Igreja Batista da Lagoinha possam nos ajudar a compreender ao fenômeno a que nomeamos, com base nas ideias de Lipovetsky, como personalização da crença.

Na segunda e terceira parte, relatamos os cultos que serão analisados, seguindo respectivamente a seguinte ordem: o primeiro culto, intitulado pelos membros da supracitada Igreja como “Fé” e presidido pelo pastor André Valadão, será descrito, buscando-se ressaltar os elementos aos quais posteriormente analisaremos através do conceito de personalização da crença. É importante ressaltar que utilizaremos, para tal empreitada, o método da etnografia e o da descrição fenomenológica. Na terceira parte traremos os enfoques do culto denominado “Céu na Terra”, presidido pelo pastor Flávio Marques, seguindo a mesma linha de análise proposta no culto anterior.

1.1 Contextualizando o campo: A Igreja Batista da Lagoinha.

Fundada em 20 de dezembro de 1957 por um grupo de membros da Igreja Batista do Barro Preto, a Igreja Batista da Lagoinha instala-se na Rua Formiga, nº 322, no bairro Lagoinha, em Belo Horizonte. O grupo convida para pastorear o pastor José Rego do Nascimento, então pastor de uma Igreja conhecida na cidade de Vitória da Conquista, na Bahia. Por já possuir fama, Nascimento foi fundamental para o crescimento da Igreja, conforme relata o atual pastor Márcio Valadão:

Com a chegada do pastor José Rego em BH, houve um grande impacto, pois naquela época as pessoas começaram a compará-lo com o Pelé, o jogador de futebol. Pelé era novo e tinha um talento enorme. Os irmãos, então, começaram a considerar o pastor José Rego como se fosse um Pelé também, no sentido de uma unção gloriosa. O pastor José é um homem precioso de Deus, um erudito e que tem um coração de misericórdia, apaixonado pelo Senhor! (VALADÃO, 2006).

O pastor José Rego, segundo relatos, havia sido batizado com o Espírito Santo, recebido capacitação espiritual e o dom de falar em línguas, o que foi de grande importância para a identidade da Igreja Batista da Lagoinha.

A presença da Missionária norte-americana Rosalee Mills Appleby¹ (1895- 1991), no Brasil, foi fundamental para a estruturação da Igreja Batista da Lagoinha, segundo relata Pereira², “pois ela possui um significativo papel religioso no sentido de ter influenciado os fiéis batistas com ideias avivalistas” (PEREIRA, 2011, p. 28).

Por causa da linha doutrinária seguida pelo pastor Nascimento, parte dos fiéis não teve afinidade com o que o pastor pregava, instaurando-se, assim, uma crise no grupo já no primeiro ano da Igreja. Essa crise ficou conhecida como “Operação Cadeado”.

Com as incongruências, o grupo se separou. Os que não concordavam com pastor Nascimento eram responsáveis pelo aluguel do imóvel onde a Igreja se encontrava e, com isso, expulsaram o pastor e os que o acompanharam. Tendo que buscar novos caminhos, peregrinaram ao encontro de um novo espaço. Por um tempo foram acolhidos no espaço utilizado pela Terceira Igreja Batista, no bairro Santa Efigênia, e 40 dias depois encontraram um galpão e o alugaram, onde hoje funciona a Igreja.

O aluguel deste novo espaço só foi possível graças às doações de fiéis e à generosa doação da Missionária Appleby, Cr\$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros) (PEREIRA, 2011, p. 89). Daí em diante, uma nova fase se inicia na Igreja Batista da Lagoinha: no dia 3 de janeiro de 1959 é inaugurado o novo templo, um salão alugado na Rua Manoel Macedo, número 360, no bairro São Cristóvão.

Todo esse processo de conflito se deu, pois, em decorrência do seguinte fato: embora de doutrina batista, Nascimento tinha uma maneira comovente de pregar, sempre conseguia exaltar as emoções e arrancar lágrimas dos fiéis com a sua pregação, o que o povo entendia como sendo uma prática pentecostal (MOREIRA, 2016).

No histórico da Igreja, destaca-se a importante contribuição da missionária Rosalee Appleby, que trazia aos membros as contribuições do Movimento de Renovação Espiritual. As ideias avivalistas³ de Appleby para a Igreja foram desde as reflexões sobre a temática até o

¹ Desde os anos de 1940, os missionários batistas norte-americanos já haviam percebido uma mudança no cenário religioso. A efervescência religiosa foi difundida como sendo “uma nova forma de vivência religiosa, avivada e comandada pelo ‘Espírito Santo’” (PEREIRA, 2011, p. 40).

² Optamos por seguir a linha de pesquisa do professor Reinaldo Arruda Pereira, pois a compreendemos como a pesquisa que mais se alinha aos nossos interesses de pesquisa.

³ Uma crise social, econômica e religiosa assolava a todos naquela época, o que fez com que as Igrejas se esfriassem na fé. “Appleby assumiu a bandeira do avivamento e, com coragem e determinação, passou a questionar a religiosidade tradicional com sua rigidez, ‘frieza’ e ‘pouco poder espiritual’. O avivalismo promulgado por Appleby tornou-se contrário ao discurso oficial, à teologia e à vivência da fé batista. Contudo, o espaço para a

nome do programa semanal de rádio, que o pastor Nascimento passou a conduzir na Rádio Guarani, intitulado Renovação Espiritual (COSTA, 2006). Aqui, já vemos o primeiro contato da instituição com o universo midiático. Pereira nos fala sobre o impacto das ideias de Apppleby:

A afetação dessa Igreja foi impactante, especialmente porque o movimento pró-avivamento foi incorporado pelo pastor Nascimento. O impacto do avivalismo na IBL foi profundo porque o seu líder tivera experiências pentecostais anteriores, como o “batismo com o Espírito Santo”. Sendo assim, por ser adepto de uma religiosidade pentecostalizada, assumiu a difusão do movimento avivalista nos cultos da IBL, em casas de fiéis e nos horários locados nas rádios Guarani e Inconfidência. Nascimento pregava e difundia o avivamento como uma “obra do Espírito”, o que, segundo ele, deveria ser algo normal na vida da Igreja, como um “fogo do Espírito que desceu do céu”. (PEREIRA, 2011, p. 42)

A Rádio Guarani abrangia todo o território nacional; com isso, deu visibilidade à Igreja Batista da Lagoinha. A partir de então, o pastor passou a ser convidado para pregar por todo o Brasil. Com tamanha visibilidade, o pastor passou a escrever o jornal denominado “O Jornal Batista”.

Durante esse período, houve divergências com o grupo Batista, pois a forma como as pessoas ficavam tocadas com as palavras do pastor Nascimento, os choros, bem como o tom de voz exaltado, foram entendidos pelos batistas como “algazarra, emocionalismo” (COSTA, 2006).

Outro aspecto que fomentou as divergências entre o grupo Batista e a Igreja Batista da Lagoinha foi a eclesiologia Batista, que entende que “fundar uma nova congregação é uma ação de uma igreja local” (PEREIRA, 2011, p. 43). Mas não foi isso que aconteceu com a congregação batista no bairro Lagoinha. A Igreja tem seu início exaltando sua identidade, discordando dos pressupostos batistas. Esse fato, segundo Pereira (2011, p. 44), “aponta para uma espécie de “vocação” organizacional da IBL, que é ser administrada a partir de interesses particulares dos indivíduos”.

Neste sentido, foi convocada uma comissão entre os batistas para decidir se a doutrina que o pastor Nascimento seguia era pentecostal ou batista. A Comissão era composta por 13 pastores batistas. Ao final da comissão, ficou acordado pelo grupo que Nascimento seguia a linha pentecostal, não sendo mais aceito no meio batista. Diante disso, nesse mesmo ano a Igreja Batista da Lagoinha foi excluída da Convenção Batista Brasileira, que aconteceu em Niterói, Rio de Janeiro, conforme relato de Pereira:

enunciação de outro sagrado, mais dinâmico e extático, foi aumentado, e o interesse pelas experiências avivalistas e carismáticas também.” (PEREIRA, 2011, p. 49).

A IBL foi excluída, “degolada” na visão de Tognini e Almeida, do rol das igrejas que compunham a Convenção Batista Mineira. Com isso, instaurou-se uma rede de poder, com igrejas e pastores a favor da IBL e em prol do avivamento. A rede de poder cresceu e se cristalizou, segundo Souza, ocasionando o primeiro cisma no movimento batista brasileiro, em Minas Gerais e em Belo Horizonte. O que se nota, portanto, é que a partir desses processos de controle, vigilância, exclusão e cisma, a IBL tornou-se livre para fazer a gestão do sagrado, de sua liturgia e do pastoreado, sem nenhuma fiscalização externa da Convenção Batista Mineira. Com a independência adquirida, a IBL vem construindo um cardápio religioso e se constituindo como um polo de irradiação de uma religiosidade carismática em contínuo processo de alteração. (PEREIRA, 2011, p. 91).

Em 1965, a Igreja Batista da Lagoinha promoveu o Encontro de Renovação Espiritual (CUNHA, 2006) em Belo Horizonte, evento que era voltado apenas para pastores, mas que teve grande participação dos membros em geral. No ano seguinte, o encontro novamente foi promovido e criou-se a Associação Missionária Evangélica – AME, que funcionava como uma cooperativa das Igrejas. A substituição da Convenção pela Associação Missionária Evangélica deu força aos hábitos da Igreja Batista da Lagoinha; com isso, ela se tornou uma Igreja flexível e sempre em processo de mudança.

A criação da Igreja Batista da Lagoinha demonstra que o cenário religioso mineiro começava a se abrir às novas experiências religiosas. Isso fomentou a estabilidade e a aceitação da Igreja pelos fiéis; afinal, o público jovem é o que mais representa a Igreja até hoje. Pereira ressalta que:

[...] fundar uma nova congregação era negar o projeto religioso proposto pelo movimento batista. Era também um sinal de que as igrejas batistas existentes perdiam a função de “manter o mundo” religioso estável e seguro, principalmente para os mais jovens”. (PEREIRA, 2011, p. 62)

Em seus primeiros anos, a Igreja Batista da Lagoinha tinha seu púlpito dividido: além do pastor Nascimento, o pastor Airton dos Santos Sales também atuava. Contudo, havia grande divergência de pensamento entre eles, o que acarretava várias crises dentro da instituição. Entre os anos de 1966 a 1971, vários pastores passaram pela Igreja, mas os conflitos por divergências de pensamento entre fiéis e pastores fizeram com que nenhum desses últimos permanecesse.

Em 1972, vindo da cidade de Ponta Grossa, no Paraná, Márcio Valadão retorna a Belo Horizonte, cidade onde vivia anteriormente, e retorna à Igreja onde havia se convertido e da qual ainda era membro, a Igreja Batista da Lagoinha, mesmo pastoreando na Igreja do Paraná. Com a demanda de busca por um novo pastor para assumir a Igreja, Valadão assume o pastoreado. Quando assumiu a Igreja, esta já era grande e contava com cerca de 300 membros.

A identidade da Igreja Batista da Lagoinha tem a mobilidade identitária por carro-chefe. A referência inicial é o carisma de seu líder: primeiramente, com o pastor Nascimento e, posteriormente, com Valadão, além ainda da desregulação institucional. Livre das atas do legalismo das Convenções, a Igreja Batista da Lagoinha se reinventa diante da demanda sociorreligiosa em que a cidade de Belo Horizonte se encontra. Pereira nos traz a seguinte reflexão sobre essa situação:

[...] a forma religiosa assumida pela IBL tem gerado a elasticidade de seu pertencimento às instituições filiadas e também um comportamento com tendência à hibridação. A elasticidade e esse comportamento tendente à hibridação facilitaram a instalação de um comportamento mutativo, o que certamente foi facilitado pela liderança e carisma de Valadão. (PEREIRA, 2011, p. 96).

Com Valadão, tem-se o início de uma nova fase próspera na Igreja. A Igreja cresceu e várias “filiais” foram abertas. Em 1987, a Igreja Batista da Lagoinha optou pela emancipação das Igrejas que foram se criando por toda a cidade e que seguiam sua doutrina, tornando independentes cada uma dessas “filhas” (COSTA, 2006). Na época, a Lagoinha ficou com 1200 pessoas na Igreja. Antes da emancipação, contavam-se aproximadamente 5000 membros.

O fato supramencionado deu origem ao projeto de implantação dos “Grupos de Crescimento”. Esse projeto tinha como objetivo preparar, de maneira adequada, e solidificar a Igreja Batista da Lagoinha para o novo milênio, os anos de 1990. Tinha como campanha ganhar 10% da população de Belo Horizonte⁴.

No final da década de 1990, duas situações marcaram a Igreja Batista da Lagoinha. Uma foi a experiência religiosa de Ana Paula Valadão em um congresso de avivamento nos Estados Unidos, em 1997. Essa experiência deu origem ao “Ministério de Louvor Diante do Trono”. Esse fato, segundo Pereira (2011, p. 97), “[...] indica que a IBL continuava sendo uma organização sensível e susceptível às experiências religiosas de natureza extraordinária e mística”. Através deste ministério, a Igreja Batista da Lagoinha “diversificava ainda mais seu campo de ação”. Pereira (2011, p. 97) ressalta que “a produção musical passou a adaptar-se às novas condições da sociedade do mercado, do espetáculo e do entretenimento [...]”.

A segunda situação foi em 1999, ano em que a Igreja Batista da Lagoinha alcançou a meta dos 10 mil fiéis. Esse crescimento substancial é fruto das estratégias adotadas por Márcio Valadão associadas à performance musical e à utilização da mídia, que geraram um crescimento positivo. Essa relação é ressaltada por Magali do Nascimento Cunha:

⁴ O lema da campanha era “para o alvo dos 10% da nossa capital para o Senhor”.

Uma igreja do ramo de renovação ou carismática que constituiu reconhecimento entre os evangélicos por meio da presença na mídia é a Batista da Lagoinha [...]. A presença na mídia foi consolidada com a atuação do Ministério Diante do Trono, um dos 100 grupos de trabalho da igreja, voltado para a produção musical. (CUNHA, 2007, p. 62-63).

Diante de tal afirmação, é imprescindível ressaltar o destaque que a Igreja Batista da Lagoinha tem, bem como a sua mutação dentro da sociedade. Sensível às demandas sociorreligiosas e políticas que a sociedade como um todo demanda, a Igreja Batista da Lagoinha busca abarcar ao todo social, tanto no que diz respeito à territorialidade, difundindo-se com os Grupos de Células, quanto nos aspectos midiáticos, com o canal *Rede Super de Televisão*, a rádio *Super*, o portal na internet *lagoinha.com*, a revista impresso e online *Atos Hoje*, e sua presença no universo midiático em canais e rádios abertos.

Nessa mesma década, a Igreja Batista da Lagoinha inaugura um novo templo em formato arredondado para seis mil fiéis assentados. Passou, a partir daí, a aplicar o marketing e a gestão de negócios, tornando-se um empreendimento religioso bem-sucedido e dinâmico. Com a criação da Seara Livraria, que posteriormente foi transformada em um shopping e em uma loja virtual, a Igreja Batista da Lagoinha voltou-se para o mercado e para o comércio, passando a se organizar administrativa, religiosa e culturalmente, segundo os termos do mercado. (PEREIRA, 2011, p. 162).

A maneira como a instituição é capaz de cercar o seu público, utilizando-se de recursos tecnológicos e de interação social, contribui muito bem para o seu crescimento. O canal televisivo, que possui acesso também via internet, denominado *Rede Super de Televisão*, foi fundado no ano 2000. Em 2002, foi vendido à Igreja Batista da Lagoinha e teve toda a sua programação voltada ao segmento cristão. A partir do ano de 2008, o canal passou a ser administrado pelo Ministério Diante do Trono, o que ampliou ainda mais a visibilidade do canal. Já em 2010, André Valadão passa a administrar o canal. Em 2011, o canal ganha nova sede, mais moderna e equipada, passando do bairro de Lourdes para o bairro São Luiz, em Belo Horizonte. A programação continua seguindo os moldes estruturados na administração do Ministério Diante do Trono e possui uma programação eclética, sempre voltada aos princípios da Igreja Batista da Lagoinha.

A *Rádio Super*, com sintonia AM e FM, foi criada em 2011. Ela transmite ao vivo os cultos da Igreja Batista da Lagoinha de domingo, o das 10h e o das 18h. Possui programação

jornalística, programas de música e promoções. Pode ser ouvida pela internet através do canal interativo⁵, em mais de cinco países.

Outro carro-chefe para a promoção da instituição é a revista *Atos Hoje*, que desde 1982 traz aos fiéis informes sobre a instituição. Atualmente, conta tanto com a versão impressa quanto digital, com tiragem semanal de cerca de 20.000 exemplares. A revista traz as principais notícias da Igreja e de suas filiais, propagandas e informes gerais da Igreja Batista da Lagoinha. Conta ainda com reflexões e mensagens dos pastores. Na última edição que analisamos, nos chama a atenção o informativo na página final, uma página dedicada a informar aos fiéis sobre as novas carteirinhas de membro da Igreja, com a seguinte frase:

Cada membro da nossa igreja possui um número de membro, assim como nosso pastor. Entretanto, somos mais que um número, somos uma família em crescimento, pois o Senhor Jesus acrescenta dia a dia os que são salvos. Assim, temos o privilégio de ganhar nossos irmãos diariamente, que passam a pertencer a essa maravilhosa família de Deus! (ATOS HOJE, 2016, p. 24).

A mensagem do pastor exalta a mola propulsora da instituição, o crescimento. Embora a carteirinha seja algo pessoal e dê identidade ao fiel, um sentimento de pertença possibilita uma interação informal. Quando questionado sobre que Igreja ou que religião participa, o fiel pode mostrar sua carteirinha, demonstrando assim pessoalidade e exclusividade naquele grupo.

Os cerca de 45 anos de pastoreado de Márcio Valadão transformaram a Igreja Batista da Lagoinha em um grande empreendimento religioso e empresarial. Ela traz consigo, mesmo que implicitamente, conceitos como “modernização do empreendedorismo e modernização eclesial”, conforme ressalta Pereira (2011, p. 103). Isso deu força para o crescimento e para a pulverização dos ideais da instituição. Com sensibilidade, a Igreja Batista da Lagoinha percebeu que a religião tradicional estava fadada a ficar para trás. Pereira ressalta que se pode considerar que:

[...] a passagem da modernidade para a pós-modernidade facilitou também a adaptação da IBL ao carismatismo e ainda a sua integração a um tipo de orientação religiosa de constante alteração e modificação. A IBL, a partir desse contexto, se aproxima das religiões pentecostais e neopentecostais em alguns aspectos, já que sua modificação é também uma adequação de sua identidade à urbanização, à sociedade da comunicação e ao consumo. (PEREIRA, 2011, p. 111).

Neste sentido, nos cabe bem a análise a que nos propomos: identificar a Igreja Batista da Lagoinha, com base na análise de dois cultos, como uma Igreja que personaliza a crença, de

⁵ Para acesso ao canal interativo da rádio, consulte-se o site: <http://redesuper.com.br/radiosuper/>

acordo com a demanda dos fiéis. Com base nesse breve histórico, percebemos que a Igreja Batista da Lagoinha, desde a sua fundação, se personaliza aos moldes sociorreligiosos demandados pelos fiéis.

A diversidade de programação disponibilizada pela Igreja Batista da Lagoinha, como shows, cultos e encontros, demonstra o seu aspecto “estético”, “atrativo”, que atrai diferentes seguidores religiosos, ressalta Pereira (2011, p. 132). Pode-se afirmar que Valadão permanece à frente da Igreja Batista da Lagoinha desde 1972 porque sua liderança é carismática, personalista, centralizadora, inovadora, criativa e empreendedora, o que resulta na diversidade das atividades desenvolvidas pela Igreja. Inferindo as características do pastor Márcio Valadão, Pereira nos traz a seguinte reflexão:

O pastor Valadão é, não só, o personagem religioso mais importante, mas o líder incontestado da IBL e de todas as suas atividades, mantendo o monopólio teológico e ideológico da organização. (PEREIRA, 2011, p. 149).

O processo de interação e de detenção de poder de Márcio Valadão, nos seus cerca de 45 anos de pastoreado, se reflete nos lugares de destaque que sua linha sucessória familiar emprega na instituição. André, Mariana e Ana Paula Valadão são filhos de Márcio; todos possuem destaque na Igreja Batista da Lagoinha, como pastores e cantores, vivenciando uma carreira artística e pastoral. Um carisma rodeia a família, como um dom especial, conforme tratado por Weber (2004), o que legitima o poder da família Valadão à frente da Igreja. Esse carisma é imprescindível para expandir as ações e as influências da Igreja Batista da Lagoinha, em especial por meio dos cantores carismáticos e das canções “ungidas”. Com isso, os cantores da Igreja Batista da Lagoinha atingiram o *status* de “artistas” religiosos, o que lhes dá livre acesso para participar de eventos tanto religiosos quanto seculares. A linha sucessória da Igreja Batista da Lagoinha ainda não está definida, mas há inclinações de que André Valadão, filho de Márcio, assumirá o cargo de líder carismático.

Campos (2008, p. 2) destaca, em seus estudos sobre a presença dos evangélicos na mídia, que essa presença se dá da seguinte forma: inicialmente, tem-se a “fase da oralidade”, passando, em seguida, pela “fase da imprensa” e chegando, por fim, à “fase da mídia eletrônica”. A Igreja Batista da Lagoinha, desde os seus primórdios, utiliza muito bem a mídia. Cabe lembrar que já em 1957, com o pastor Nascimento, a Igreja Batista da Lagoinha já se fazia valer das duas primeiras fases apresentadas.

No que diz respeito ao crescimento da Igreja Batista da Lagoinha, dois fatores foram preponderantes. O primeiro está intimamente relacionado ao seu surgimento, na década de

1950, em que os batistas mineiros deixaram uma brecha favorável à criação de uma Igreja, segundo Valle (1959, p. 4), “exigente com seus fiéis, intransigente com o pecado e sem frieza espiritual”. Como segundo fator, temos o estilo do culto adotado, com avivamento e uma dedicação especial à evangelização de novos fiéis. Com contínuo crescimento e com a consolidação dos Grupos de Células, antes chamados Grupos de Crescimento, a Igreja Batista da Lagoinha dá condições aos líderes desses grupos de se tornarem pastores através da “Escola Carisma⁶”, além das atividades no CTMDT⁷, ampliando sua atuação no setor de comunicação.

Trazemos, aqui, a estruturação organizacional da IBL, bem como o seu crescimento, deslocando-os da caracterização do espaço, em especial no que diz respeito ao templo principal, não fragmenta a ideia proposta. O caráter do espaço físico nos ajuda, pois, a compreender melhor a colocação da Igreja Batista da Lagoinha na sociedade, assim como o seu crescimento.

O templo, conforme caracteriza Pereira (2011, p. 228), possui arquitetura arredondada, como um ginásio poliesportivo, com arquibancadas em três níveis, diversos setores e um palco no centro. Em sua tese, Pereira compara a arquitetura desse templo a uma projeção de um estádio de futebol, conforme notamos na passagem a seguir:

Devido ao formato arquitetônico do templo, nossa análise indica que o espaço sagrado na IBL representa aquilo que é mais popular na cultura brasileira, que é o futebol. Daí a ideia de que o templo seja uma representação, um símbolo da maior “paixão brasileira”, o que tem a ver com o “campo”, “jogo”, expectadores, competição, jogadores, etc. (PEREIRA, 2011, p. 228).

O crítico supracitado ressalta ainda que o templo retrata a religiosidade popular. Esse tipo de religiosidade remete ao estilo de culto e às mutações sofridas de tempos em tempos, que personalizam o culto à linguagem mais adequada ao público destinado, em especial o público jovem.

Não distante dessa relação entre o secular e o sagrado, os grupos musicais produzidos na Igreja Batista da Lagoinha, tendo início com o Ministério de Louvor Diante do Trono, fazem com que a linha tênue que separa sagrado e profano (ELIADE, 2001) se rompa através do mundo gospel (CUNHA, 2007, p. 67). A “explosão gospel” que tomou o Brasil na década de 1990, e muito bem incorporada pela Igreja Batista da Lagoinha, demonstra-nos essa plasticidade da instituição para com as demandas apresentadas pelos fiéis. No diz respeito a

⁶ A escola é um tipo de seminário e foi criada para dar treinamento ministerial aos fiéis da IBL.

⁷ O Centro de Treinamento Ministerial Diante do Trono, cuja sigla é CTMDT, pertence ao Ministério Diante do Trono. É uma escola voltada à capacitação na área de música e missões.

toda essa disposição por mudança, o aspecto sacro dessas Igrejas sempre vem respaldado em um princípio bíblico, conforme ressalta Pereira:

Os argumentos de quem faz a defesa dos “ministérios das artes” respaldam-se nos relatos do Antigo Testamento, em especial, na história do povo de Israel, já os israelitas utilizavam a música, o louvor e a dança para celebrar o Deus de Israel. Como esses elementos eram comuns ao “povo escolhido” e à sua cultura religiosa, argumenta-se em favor da utilização da música, danças e coreografias no espaço de culto e na liturgia, tal como se fazia no Antigo Testamento. (PEREIRA, 2011, p. 237).

Toda essa argumentação nos provoca a ruminar melhor a hipótese que propomos em nossa pesquisa, a de que o impacto mais forte que a religião sofre na sociedade contemporânea é o da personalização da crença, em especial em uma Igreja midiática. Tal hipótese se fortalece diante do histórico que apresentamos. Na sequência, apresentaremos os cultos que servirão como aporte de verificação do que nos propomos.

O referencial teórico de que vamos nos valer, a teoria de Gilles Lipovetsky, será apresentado no segundo capítulo. Entendemos que no decorrer do texto algumas pistas já puderam ser salientadas. Vejamos o que os cultos nos dirão a respeito da personalização da crença.

1.2 Culto “Fé”: uma palavra à juventude

O primeiro culto sobre o qual aqui nos detemos a descrever é o culto nomeado como Fé, dirigido pelo pastor André Valadão, pastor de extrema importância e visibilidade na Igreja Batista da Lagoinha, filho de Márcio Valadão, o pastor presidente. André é um dos responsáveis pela visibilidade da Igreja no universo midiático, pois foi um dos responsáveis pelo Ministério Diante do Trono, grupo pelo qual a Igreja ganhou maior visibilidade e presença na mídia. O culto Fé, televisionado no dia 1º de março de 2016, tem duração de 48h13min. Naquela data, teve como tema central a frase “endireitando a vida”, frase essa que permeou toda a mensagem do culto e que norteou as passagens bíblicas selecionadas, no intuito de reforçar a mensagem a ser repassada aos fiéis.

Não é nosso papel aqui fazer juízo de valor sobre as imagens analisadas e descritas, mas é de extrema relevância descrever aqui o figurino do pastor, elemento esse que colaborará mais tarde para entender o contexto que visamos analisar. André Valadão apresenta-se com uma calça e camisa casual, vestes essas que distam de uma maneira geral do padrão mais comum de vestimenta de pastores, sejam esses de quaisquer linhas: batistas ou pentecostais; de um modo

geral, o grupo protestante sempre está associado a vestes sociais e coordenadas. A vestimenta casual do pastor André Valadão será analisada mais à frente e assimilada como uma forma de comunicação com o público a que se destina o culto.

O culto se passa no Templo, espaço destinado aos cultos e que assim é denominado pelos fiéis. O Templo tem a estrutura de uma grande arena, circular, constitui-se em dois pavimentos e tem à frente uma estrutura destinada aos pastores e músicos que presidem os cultos e encontros que ali ocorrem. Neste local, visualizamos: um telão, aparelhos de sonorização, instrumentos musicais e um púlpito. Os fiéis assentam-se em cadeiras que circundam a este “altar” em forma de meia lua; eles variam de jovens a jovens adultos, além de algumas crianças e idosos, mas em sua maioria o público é mais jovial.

O pastor dá início ao culto com uma frase que em todos os cultos assistidos é retomada diante de um primeiro contato com a bíblia. André Valadão solicita que os fiéis repitam a seguinte frase: “Eu sou o que a bíblia diz que eu sou, eu tenho o que a bíblia diz que eu tenho e eu posso o que a bíblia diz que eu posso!” (VALADÃO, 2016). Ainda que aparentemente tal proclamação possa soar como uma frase simples e comum, mais adiante a retomaremos, buscando desvendar as implicações que essa frase tem no discorrer da mensagem a ser assimilada. Na sequência, o pastor atém-se a uma oração para agradecer pela semana, pela presença de Deus naquele lugar e para que Deus possa lançar seus sonhos e seus projetos sobre todos ali presentes.

Convidando os fiéis a se sentarem, o pastor reconstrói um dito popular para motivar aos fiéis à mudança de atitudes:

Não tem nada torto que Deus não venha endireitar. Público: Amém! Não tem nada tão torto, tão torto que Deus não tenha condição de endireitar. E essa noite eu quero falar com você sobre essa realidade: Endireitando a vida! Senta certinho ai ó! Senta ereto aí, no seu lugar, aí ó! Deus vai endireitar tua vida meu irmão, Deus vai endireitar mais e mais a tua vida. Pau que nasce torto morre torto. Mas Jesus, ele é o carpinteiro, Glória a Deus, ele pega todo pau torto e endireita tudo para a glória Dele, Ele é fiel para colocar tudo em ordem, tudo em linha. (VALADÃO, 2016)

Salta-nos aos olhos e aos ouvidos a maneira com que as palavras foram escolhidas, a leveza, o coloquialismo de forma simples e cotidiana como um bate-papo, expondo uma mensagem tão complexa com um linguajar tão sutil. Os gestos, os trejeitos e recursos de linguagem utilizados para propagar a mensagem são de extrema importância, exigindo ser contemplados. É neste caminho que o pastor André Valadão se detém para encaminhar sua mensagem de boa-nova. Com argumentos simples, de menção popular, o pastor fala aos fiéis

sobre os seus caminhos e descaminhos, que através da palavra e do contato com Deus/Jesus o fiel poderá encontrar um caminho reto. E na medida em que ele vai falando, o público interage.

Outro aspecto importante de ser mencionado, embora nosso objetivo não seja uma análise teológica, é como a mensagem bíblica é recontada. Sem se ater a uma leitura firme e enfadonha do texto, o pastor encena o texto de Isaías 45, 2:

[...] “Eu irei adiante de ti e endireitarei os caminhos tortuosos, quebrarei as portas de bronze e despedaçarei as trancas de ferro.” Público: Amém! Dá pra parar por aqui, sacode a tua mão e fala: dá pra parar por aqui, já dá pra parar por aqui! Dá pra parar por aqui, olha a palavra de Deus pra você, olha o respaldo de Deus pra tua vida, olha a colocação de Deus pra que você corra, pra que você realize os sonhos que Ele plantou no seu coração, para que você acredite mais e mais na palavra Dele. Eu não sei o tamanho do gigante, eu sei meu irmão, que você tá correndo pra dar uma voadora na cabeça do gigante. É reto, é um caminho reto, olha o que Ele diz: eu vou na sua frente, fala pra quem tá do teu lado: Deus já foi! Fala pra ele: Jesus tá lá, Jesus tá lá! Olha, ele tá dizendo, eu irei diante de ti e o que eu faço, eu endireitarei os caminhos tortuosos. Público: Amém! (VALADÃO, 2016)

Poderíamos, aqui, deslocar o texto e não o mencionar como uma passagem bíblica; cairia como uma luva utilizar parte dele em uma palestra motivacional para os funcionários de uma grande empresa. A força e a simplicidade das palavras, a repetição e a forma como se emite encorajamento aos ouvintes, trazem vida ao discurso do pastor. A impessoalidade e a relação de proximidade entre fiel, pastor e um sagrado superior promove um misto de sentimento, percebido na face dos fiéis quando assistem o culto. A forma como o pastor encara a câmera, bem como o close do cinegrafista no público, reconstroem e dão plena certeza de fulgor arrebatador que transcende o espectador que de longe pode participar do culto, seja pela televisão, seja pelo site da Igreja.

A maneira como pastor e fiéis se apropriam do discurso, a forma como as palavras do texto sagrado são complementadas no diálogo, nos dão mais certeza de um discurso personalizado. O Deus mencionado pelo pastor, que quebrará as portas de ferro e as trancas de bronze, parece trabalhar em função do desejo do fiel, os sonhos não são dos indivíduos, e sim plantados por Deus no coração deles. Os caminhos tortuosos serão rapidamente endireitados para que o fiel logo possa alcançar os sonhos e objetivos. Neste sentido, é importante darmos pistas sobre as contribuições do autor que escolhemos para colaborar com a nossa análise. Gilles Lipovetsky (2005a, p. 23), ao nos falar da indiferença e da simpatia New Look, menciona a necessidade de velocidade, vivida pelo indivíduo atual, em relação a alcançar os seus objetivos.

Um novo fragmento do texto bíblico é retomado pelo pastor, o de Provérbios 14, 12: “Há um caminho que ao homem parece direito, mas cabo dá em caminho de morte.” Mencionando o Espírito Santo, o pastor aconselha aos fiéis a terem cuidado com o caminho que

escolhem em suas vidas, afirmando-lhes que o Espírito Santo os encaminhará a um caminho correto e que a voz de Deus está no coração de cada um. O aconselhamento sobre o caminho a ser trilhado se estende com exemplos sobre boas e más pessoas que podem aparecer pelo caminho, bem como sobre as vestes, as conversas e a postura. E o pastor finda o trecho com as seguintes palavras:

Você sabe, nós sabemos claramente que o caminho que Deus tem pra nós é um caminho de vida, querido, qualquer caminho que te tira da presença de Deus vai te levar pra morte, qualquer caminho que te tira da comunhão com a igreja, que te tira da comunhão com os irmãos, vai te levar para um caminho de morte. (VALADÃO, 2016)

Em sequência, ainda falando sobre o caminho que os fiéis devem seguir, André Valadão retoma a fábula Chapeuzinho Vermelho. Parafrazeando a história, faz menção a um dos pastores presentes, dizendo que este deva ter contado essa história as suas filhas, para alertá-las sobre os perigos dos maus caminhos da vida. Novamente retoma a dinâmica de diálogo com os fiéis:

Fala pra quem tá do teu lado: “Vigia meu irmão, que o lobo mau tá por aí! Tá com a boca grande quer acabar com a nossa vida, mas maior é o leão da tribo de Judá que tá guardando o nosso coração e ele tem um caminho reto, é perfeito, é preparado pra nós”. (VALADÃO, 2016)

As experiências de vida e os elementos comuns a qualquer indivíduo são comumente retomados no decorrer do culto, como um bate-papo, de maneira bem sutil. Os aconselhamentos são dados e o convite para se tornar membro da Igreja é reforçado. A mensagem dá-nos a entender que, embora o caminho para Deus seja rápido, reto e simples, ele só poderá ser alcançado se os conselhos dados pelo pastor forem seguidos à risca.

Uma das coisas que eu experimento às vezes quando eu vou em algum lugar. Tem gente que fala assim: Pô pastor, achei que você era mais velhinho, achei que você era mais velho! E eu sempre respondo, eu digo: não, não, não, eu estou aproveitando a minha vida, tô aproveitando a minha vida. O caminho com Deus, querido, é um caminho onde você tem proveito, você tem benção, você tem dádivas. Entenda essa realidade, eu não sei o tempo que você perdeu, mas eu creio na restituição de Deus na tua vida e a restituição bíblica diz sete vezes mais. (VALADÃO, 2016)

Ao recorrer ao evangelho de Marcos capítulo 1, versículos de 2 a 4, André Valadão novamente encena a passagem:

Marcos, no capítulo 1, versículo 2 e 4, diz conforme está escrito na profecia de Isaías. Eis aí, diga pra quem tá do teu lado: “é agora meu irmão! Eis aí, envio diante da tua face o meu mensageiro, o qual preparará o teu caminho, voz do que clama no deserto: preparai o caminho do Senhor”. Preste atenção no que ele diz: “endireitai as suas

veredas, prepare o caminho do Senhor”. E ele fala: “endireitai as suas veredas”. Eu falo com você novamente, Deus quer acelerar aquilo que você perdeu de tempo na tua vida, meu irmão. Deus quer acelerar, Deus quer restituir, ele é Deus de jubileu, ele é Deus de restituição, ele é Deus de misericórdia, ele é Deus de graça, ele está dizendo: “endireitai as suas veredas”. Apareceu João Batista no deserto, pregando batismo de arrependimento para a remissão de pecados. Salmo 37, verso 5, você sabe, entrego o teu caminho ao Senhor, confia nele e o mais ele fará. (VALADÃO, 2016)

Diante disso, o pastor convida os fiéis a um momento de oração, pedindo que Deus endireite os caminhos. Após o momento de oração, o pastor dá o exemplo do profeta Josué. Menciona que a geração de Josué é uma geração de avivamento com Deus e que as gerações de quem está endireitando a sua vida com Deus está protegida. Para demonstrar o poder das gerações, relembra aos fiéis que seu bisavô, seus avós foram pastores e que, atualmente, o pai e ele perpetuam essa “benção hereditária”, que é “uma prova viva da existência das bênçãos hereditárias” (VALADÃO, 2016). Voltando aos fiéis, questiona ainda quem ali é a primeira geração de evangélico na família, e boa parte do público levanta a mão. E o pastor completa:

Nó, que coisa linda! Vamos aplaudir essa turma maravilhosa, que benção maravilhosa, você não tá entendendo o que aconteceu com a história da sua família, meu irmão, o Espírito de Deus entrou no legado da sua família, entrou na história da tua casa, entrou na história da tua vida e de geração em geração há uma liberação de poder sobre eles. (VALADÃO, 2016)

Neste caminho, o pastor diz aos fiéis que embora seus familiares tenham sido evangélicos, ele não foi obrigado a ser, que foi uma escolha dele. E reforça que cada um deve tomar a decisão do caminho a ser seguido em suas vidas. Salaria que é necessário força, coragem e cuidado, para não se desviar dos caminhos de Deus, pois o caminho de Deus é reto.

Diante do enfático convite de endireitar o caminho, a vida com Deus, o pastor sempre demonstra em suas palavras que os sonhos que os fiéis têm, são sonhos que Deus plantou em seus corações.

Eu não sei qual é o sonho que Deus plantou em teu coração, mas se ele é de Deus, endireite os teus caminhos pra que esse sonho se realize. Eu não sei o propósito que existe no seu coração, mas se veio de Deus depende de você, meu irmão, deixar Deus, tira dali, tira de lá, meche daqui, meche de lá, deixa Deus endireitar a sua vida, deixa, não atrase, seja pra agora o mês de março o mês de romper na nossa vida. (VALADÃO, 2016)

A relação de dualidade não demora a ser lembrada pelo pastor:

Mês de romper, e é isso que deixa o diabo furioso, deixa o diabo louco. Meu irmão, o diabo tá careca de arrancar cabelo por causa da revelação que você tá tendo nesses dias. Deus vai endireitar o seu caminho, talvez ele te prendeu num relacionamento, num cara safado que prendeu você, minha irmã, sete anos num namoro que não serviu

pra nada e você tá aqui hoje: “tá vendo pastor perdi sete anos da minha vida”. Querida, não importa o que você perdeu. Jesus chegou, você ganhou, ele vai restituir, ele vai endireitar, ele vai acelerar, oh! Se você crê, diga “Glória a Deus!” Público: “Glória a Deus!” (VALADÃO, 2016)

A ideia de luta entre um Deus que propicia ao fiel um caminho bom, reto, e um diabo que se incomoda com a busca por esse caminho reto, é exemplificada em pequenos conflitos do cotidiano, trazendo aos fiéis uma relação de proximidade e vivência das situações mencionadas pelo pastor.

Um novo fragmento do texto bíblico é mencionado, o do Salmo 16, 11: “Tu me farás ver os caminhos da vida. Na tua presença há plenitude de alegria. Na tua destra, na tua mão direita, delicias perpetuamente.” E embalado por esse versículo, o pastor convoca novamente os fiéis a seguirem o caminho com Jesus. Para exemplificar a relação de Deus como um pai cuidadoso que quer aos fiéis, filhos, um caminho do bem, o pastor conta aos fiéis a relação com seu filho de pouco mais de um ano de idade, ao aprender a andar. Declara que, como pai, quer acompanhar, dar as mãos e guiar os caminhos do filho, mas que, em contrapartida, o filho quer seguir sozinho, independente, andar com as suas próprias pernas. Por vezes, ele observa que o filho vai cair ou bater a cabeça em algum móvel, mas Deus, que é o pai maior, sempre o protege. É interessante esse jogo de exemplificação realizado pelo pastor: ele nos dá a ideia de que o pastor quer guiar os caminhos dos fiéis e estes, como filhos, teimam em seguir seus próprios caminhos; e que Deus protege os seus filhos de males maiores, mesmo que eles insistam em seguir por caminhos tortuosos. É interessante essa contraposição, pois nos dá outro panorama do culto, nos permitindo observar mais uma vez uma forma de personalização da crença.

Por mais que a mensagem principal do culto esteja voltada para que o fiel siga um caminho reto, e que esse caminho reto – o que é recorrentemente explicitado – deverá ser dentro da Igreja, o pastor por momentos deixa claro que embora ele, como pastor de ovelhas que guia os fiéis a um caminho reto mais próximo de Deus, não alcance a alguns fiéis, Deus os irá proteger.

Já na sequência, o pastor reforça que se o fiel não segurar nas mãos de Deus, que é o pai que guia, poderá se machucar, mesmo Deus estando lá para ampará-lo e levantá-lo. Se o fiel escolher segurar nas mãos de Deus e seguir o caminho que Deus preparou para ele, será mais fácil, este será um caminho reto, direito.

Para reforçar mais uma vez a ideia de um caminho reto, novamente o pastor recorre a um trecho do texto bíblico:

Lucas, no capítulo 13, versículo 10, diz: “Ora, ensinava Jesus no sábado numa das sinagogas. Veio ali uma mulher possuída de um espírito de enfermidade. Havia já 18 anos andava ela encurvada, sem de modo algum poder endireitar-se. Vendo-a, Jesus chamou-a e disse: ‘Mulher, estás livre da tua enfermidade’ e, impondo-lhe as mãos, ela imediatamente se endireitou e dava glória a Deus. O chefe da sinagoga, indignado de ver que Jesus curava no sábado, disse pras pessoas: ‘seis dias há que se deve trabalhar, venham depois desses dias para serem curados, não venham aqui no sábado.’ Disse-lhe, porém, o Senhor Jesus: ‘Hipócritas! Cada um de vós não desprende da manjedoura no sábado o seu boi ou seu jumento para levá-lo a beber água? Por que motivo não se devia livrar deste cativo em dia de sábado esta filha de Abraão a quem Satanás trazia presa há 18 anos?’ Tendo ele dito isso, essas palavras, todos os seus adversários se envergonharam, entretanto, o povo se alegrava por todos os gloriosos feitos que Jesus realizava.” (VALADÃO, 2016)

Diante de tal texto, muda-se o foco do endireitamento da vida, a ideia de cura é incorporada ao diálogo. Através deste trecho, o pastor passa a falar aos fiéis sobre o prazer que Deus tem e terá em curá-los, em acompanhá-los e endireitá-los. E com o ensejo, fala aos fiéis que não há dia para ir ao encontro do Senhor, ir à Igreja, que em todos os dias há atividades na Igreja e que todos os dias são de adoração, de ir ao encontro do Senhor. E faz uma sutil crítica aos que guardam os sábados:

Eu tô aqui pra dizer que todo dia é dia de milagre, todo dia é dia de cura, todo dia é dia de adorar a Deus, todo dia. Foi Jesus quem disse isso, ele deixou claro, todo dia é dia, não tem isso, meu irmão, e tem canal de televisão que fica batendo em cima disso, é sábado, tudo é sábado, porque o Senhor amou o mundo de tal maneira que Deus ofereceu seu Filho, mas sábado não, e não sei o quê, porque no apocalipse, quando vier o apocalipse... mas sábado não, eu não sei mais o quê, não sei mais o quê, mas não sei mais o quê, mas sábado não! Fala pra quem tá do teu lado: “sábado pode tudo! Porque Jesus curou no sábado!” Você toma posse disso, meu irmão? Público: “Aleluia!” Ah! Mas o dia de ir pra igreja adorar o Senhor é domingo. Que domingo, meu irmão, olha a terça-feira, como é que esse lugar tá terça-feira. (VALADÃO, 2016)

E faz novamente um conflito dual para alertar os fiéis:

Você nunca vai ver endemoniado ereto, bonito, não! Ele entorta, é ou não é?! Entorta tudo, fica tudo torto e quanto mais torta tá sua vida, meu irmão, é mais capeta que tá tentando dominar a sua vida. A vida de Deus é reta, é pura, ela é perfeita, não tem mentirinha, não tem nada escondido, não tem nada! É reta, é tranquila, é de paz, é uma vida direta, é uma vida específica, e é essa vida que Deus tem pra acelerar o seu caminho, eu creio nessa noite. (VALADÃO, 2016)

Estas relações de dualidade apresentadas pelo pastor no decorrer do discurso geram uma maior proximidade do fiel para com a mensagem a ser assimilada. É interessante observar como os fiéis interagem e demonstram em suas faces um reconhecimento com o que o pastor exemplifica durante a pregação. Em vários momentos do culto, o pastor pede que os fiéis interajam entre si e essa interação deixa mais clara ainda a identificação deles com o que vem sendo falado. Mas volta e meia o pastor os chama de volta a ficarem atentos, dizendo a frase:

“Tem alguém comigo aqui nesta noite?” É o chavão utilizado pelo pastor para reter a atenção dos fiéis.

Como fechamento da mensagem de endireitamento da vida, o texto de Isaías capítulo 40, versículos 29 e 30, é declamado pelo pastor:

É o que eu quero dizer pra você, pelo Espírito Santo de Deus: o caminho tortuoso, a vida torta, cansa, desanima, frustra, mas há uma promessa para aquele que quer viver o endireitamento do Senhor: “faz forte o cansado, e multiplica as forças ao que não tem nenhum vigor, os jovens se cansam e se fadigam, e os moços de exaustão caem, mas os que esperam no Senhor renovam as suas forças, sobem com asas, como águias correm.” (VALADÃO, 2016)

O pastor Flávio Marques é convidado a fazer uma oração aos fiéis. De maneira firme, o pastor toma a palavra e diz aos fiéis que, caso o fiel tenha entrado ali naquela noite achando que era por acaso, ele estava enganado, que estava ali para endireitar o seu caminho com Deus, e que para esse endireitamento, deveria aceitar o desafio:

Eu quero desafiar você, você que está aqui nesta noite e você que ainda não entregou a sua vida a Jesus, ou você que está aqui nesta noite, mas você estava fora dos caminhos, e nessa noite você quer se realiançar com ele, eu também quero desafiar você nessa noite, você que entrou aqui pela primeira vez, ou você que nunca confessou Jesus como o seu Senhor e seu Salvador, ou você que nesta noite quer voltar pra ele porque você estava distante e afastado, eu quero que você levante uma de suas mãos agora que eu quero orar por você, levante uma de suas mãos, várias mãos levantadas, levante uma de suas mãos, você que nesta noite quer confessar e confessa Jesus como seu salvador, ou você que nesta noite quer voltar correndo pra ele eu quero orar por você. Saia do seu lugar você que levantou sua mão e venha aqui à frente, corre, você que levantou sua mão seja na primeira galeria, na segunda galeria, saia do seu lugar, eu te espero aqui na frente, eu quero orar por você, é noite de decisão, você decide nessa noite andar no Senhor, no caminho do Senhor, saia do seu lugar e venha aqui à frente. Se você está no seu lugar, meu irmão, o seu lugar é aqui à frente, lugar de entrega, lugar de reconciliação, lugar de volta; se você, nessa noite, quer voltar pra Jesus, saia do seu lugar e venha aqui à frente, nós queremos orar com você, queremos orar por você. É noite de salvação, é noite de endireitamento, é noite que o Senhor traz clareza pros teus caminhos. Saia do seu lugar e venha aqui à frente, isso, saia do seu lugar e venha à frente, nós estamos esperando você, estamos esperando você. (VALADÃO, 2016)

Com um grande público diante do palco, o pastor complementa:

Preste atenção, vocês que estão aqui à frente, olha pra mim todos vocês, essa é a melhor decisão que vocês poderiam tomar, eu posso dizer pra vocês que esse é o momento mais importante do culto, tem mais pessoas chegando, pode vir. Vamos aplaudir o Senhor, querido! Esse é o momento, sem dúvida, nenhum é mais importante, há muitos anos atrás eu tomei essa decisão, há muitos anos atrás, eu posso dizer pra vocês que a minha vida nunca mais foi a mesma, nunca mais, porque naquele dia ele endireitou os meus caminhos, ele trouxe clareza no caminho que eu precisava seguir, é isso que ele tá fazendo com você nessa noite: algumas lágrimas, isso não é emoção, isso se chama Espírito Santo de Deus, é ele que convence o ser humano do

pecado e também do juízo, vocês que estão aqui à frente, coloquem as mãos sobre o coração e eu queria que vocês repetissem uma oração comigo, dizendo: “Senhor Jesus – isso, diga! – Senhor Jesus, nessa noite, eu me entrego completamente, nos teus caminhos e reconheço a ti como o meu Senhor e Salvador, diga: e eu que estava distante, afastado, nessa noite, eu volto na certeza que o Senhor me recebe de braços abertos, diga: eu faço essa oração de todo o meu coração em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.” Olhe aqui pra mim agora, você acabou de confessar Cristo como seu Salvador, essa decisão marca a vida de vocês de uma vez por todas, estenda as tuas mãos aqui, Igreja, preste atenção, a bíblia sagrada diz pra nós que um momento como este onde as pessoas decidem por Cristo e é a partir desse momento as pessoas deixam Cristo ser o centro da vida delas, a bíblia diz pra nós que há muita festa no céu, muita festa no céu. E nós não poderíamos deixar de receber vocês, sim, também com muita festa. Por isso, eu vou contar até três e você vai virar pra essa Igreja linda e nós vamos receber vocês com muito aplauso, com muito júbilo, com muita glória a Deus, porque é festa, é noite de festa, você é motivo de festa. Amém? Amém! Você conta pra gente Rael, vamos lá: 1, 2, 3! Seja bem-vindo à família de Deus! Aleluia! Glória a Deus! Você que está aqui à frente ainda não saia, nós precisamos de mais 5 minutos de vocês, onde nós queremos pegar o seu nome e o seu telefone e dar um presente pra cada um de vocês, queremos ligar durante essa semana, orar por vocês, inserir vocês aqui na Igreja, por isso eu peço mais 5 minutos, tem uma turma tão linda de colete verde perto de você, eles vão levar vocês numa sala aqui na minha esquerda e daqui a cinco minutinhos você já está aqui de volta e nós ainda estaremos aqui pra seguir, e enquanto vocês seguem nós vamos seguir orando ao Senhor pela vida deles. Amém?! Glória a Deus! (VALADÃO, 2016)

Voltado para a câmera, o pastor chama aos fiéis que estão em casa assistindo ao culto que liguem para o número que aparece na tela, para que também possam ser inseridos na Igreja, como membros.

A oração final tem como foco central a conversão. E deixa mais uma vez a mensagem de que o caminho reto é dentro da Igreja. Mas a aposta midiática da instituição e a interação no final do culto com o telespectador propiciam uma maior abertura do que entendemos como o universo Igreja: o fiel pode se contactar por telefone e, por esse viés, fazer seus pedidos de orações e se tornar membro da Igreja. Embora durante todo o culto tenha sido enfatizada a importância de estar presente na Igreja, o jogo de possibilidades dadas ao final do culto abre uma nova porta e amplia ainda mais o público que se relaciona com a instituição.

A mensagem do Culto “Fé” é a de endireitar a vida. Ganha, no decorrer do culto, várias nuances. As estratégias de linguagem empregadas pelo pastor André Valadão, tanto verbais quanto gestuais, trazem abertura a vários perfis de público, muito embora já se tenha mencionado no início da descrição que o público é, em sua maioria, jovial. Em muitos momentos do discurso, percebe-se que a fala não é especificamente para esse tipo de público, mas para todos os que estiverem de olhos e ouvidos abertos para receber a mensagem. A relação de proximidade com o fiel e com Deus/Jesus traz uma maior confiabilidade ao público atual.

1.3 Culto “Céu na Terra”: uma palavra ao conhecimento bíblico

O culto “Céu na Terra”, presidido pelo pastor Flávio Marques, tem a duração de 1 hora, 1 minuto e 16 segundos. Ocorreu numa quinta-feira, no dia 11 de fevereiro de 2016, e teve como tema central a indagação: “Quem é você?”. O pastor Flávio apresenta-se com roupa social mais despojada. Neste culto, percebe-se a presença de um público jovial a adulto.

O pastor inicia o culto solicitando que os fiéis abram suas bíblias no livro de Atos 19, e relembra o público sobre um grande evento que haverá na Igreja no próximo mês, que é importante que todos se inscrevam para a participação no evento. Menciona ainda aos fiéis, antes de iniciar a leitura do texto, sua grande alegria de ter sido convidado a presidir àquele culto.

Em seguida, solicita que os fiéis repitam, com ele, a frase: “Eu amo a palavra de Deus. Eu sou o que a bíblia diz que eu sou, eu tenho o que a bíblia diz que eu tenho, e eu posso fazer o que a bíblia diz que eu posso fazer.” E recita o texto de Atos 19. O texto fala sobre o batismo de João Batista e o batismo com o Espírito Santo. Após a leitura do texto, o pastor fala aos fiéis:

Quero trazer uma mensagem pra você, que tem como tema: Quem é você? Queridos, eu queria que de uma forma muito especial vocês prestassem bastante atenção do início ao fim dessa mensagem porque eu quero compartilhar com os irmãos uma mensagem sólida, uma mensagem que vai nos alimentar de tal forma nessa noite, a ponto de sairmos daqui completamente ou mais apaixonados pelo Senhor Jesus. (MARQUES, 2016)

Diante de tal fala, fica claro o interesse do pastor em promover nos fiéis uma experiência de conversão e de contato com Deus/Jesus através dos escritos bíblicos e de sua pregação.

Explica aos fiéis sobre o conteúdo lido:

Nós acabamos de ler um texto de Atos, capítulo 19, que conta pra nós a história ou a realidade da Igreja do primeiro século. A Igreja do primeiro século tinha tido uma experiência muito forte com o Espírito Santo, mas isso no início da Igreja em atos capítulo 2. De forma que o evangelho se difundiu, de forma que o evangelho alcançou milhares e milhares de pessoas, a ponto de a partir de Atos capítulo 7, Atos capítulo 8, a Escritura Sagrada diz que o evangelho alcançou não somente os judeus, mas também os gentios. O evangelho se manifestava no meio da Igreja, o Espírito Santo se movia no meio da Igreja, a ponto de um homem chamado Saulo, em Atos capítulo 9, ter uma experiência com Jesus. No caminho de Damasco, a sua vida foi completamente transformada. A partir daí, esse homem então se torna um missionário, um apóstolo da parte de Deus, para plantar algumas Igrejas. Chegamos, então, depois que ele havia plantado uma Igreja em Filipos, a outras igrejas, Atos capítulo 9, esse texto que nós acabamos de ler a Escritura Sagrada diz pra nós que Paulo, ele chega em Éfeso, e é sobre essa cidade que eu quero compartilhar com você nessa noite. A palavra de Deus diz que Paulo, chegando em Éfeso, ele encontrou com cerca de 12 homens, 12 discípulos, e quando ele chega em Éfeso, um homem chamado Apolo

tinha acabado de sair, voltando-se para uma cidade chamada Corinto. E a palavra de Deus diz, então, que Paulo, ele faz uma pergunta para aqueles homens, perguntando a respeito do Espírito Santo, preste atenção, a Igreja do primeiro século, ela crescia por meio do poder do Espírito Santo e por meio do conhecimento da Escritura Sagrada. (MARQUES, 2016)

O trecho acima citado nos demonstra o cuidado do pastor em contextualizar, para os fiéis, os fatos que se relacionam com o texto lido. A contextualização do trecho lido é extremamente relevante para a reflexão que se fará mais adiante.

O pastor diz aos fiéis dos caminhos relatados biblicamente e de como o Apóstolo Paulo apresenta ao povo o poder do Espírito Santo. Em sua fala, Flávio percorre boa parte do texto do livro dos Atos dos Apóstolos, buscando explicitar ao máximo os encaminhamentos da realidade bíblica do que ele chama de “Igreja primitiva”. A Igreja primitiva, segundo o pastor, é a construção da ideia de Igreja instituída por Jesus e proclamada por Paulo em suas peregrinações e cartas.

É interessante a gente pensar, irmão, se nós estamos aqui essa noite é porque alguma coisa começou na Igreja do primeiro século; quando nós estamos aqui adorando, quando nós estamos aqui buscando ao Senhor. Quando o Senhor está usando o ministro de louvor, quando o Senhor está usando pessoas, é tão somente reflexo daquilo que aconteceu na Igreja do primeiro século, a Igreja primitiva, nós somos reflexo dela, nós só temos o Espírito Santo de Deus hoje porque em Atos, capítulo 2, no dia de Pentecostes, a Igreja recebeu da parte do Pai, do Filho, o seu Espírito. (MARQUES, 2016)

Neste sentido, é importante ressaltar o caráter didático que o culto em análise apresenta. Diferentemente do primeiro culto, esse culto propõe-se, pela nossa percepção, aprimorar o entendimento do texto bíblico. A forma como o pastor detalha e explica a cada período tratado no texto, em forma de um estudo, poderá trazer aos fiéis um melhor entendimento do que traz a palavra lida. Nesse caso, pode parecer não aplicável ao que propomos investigar, a personalização da crença. Mas nos parece, embora sutil, que a maneira e a postura com que o pastor trata o conteúdo sejam mais um recurso de personalização. Percebemos que o discurso é estruturado para um público específico. A passagem abaixo demonstra o que tratamos:

Se a Igreja do primeiro século é a nossa maior referência de Igreja, nós precisamos, então, crer que nesse texto, a bíblia, quando nos diz que o homem não pode viver sem a experiência com o Espírito Santo. Nós precisamos, de fato, colocar isso em prática na nossa vida porque nós hoje não somos a Igreja do primeiro século, mas nós somos uma Igreja contemporânea, que necessita, da mesma forma que a Igreja do primeiro século, do Espírito Santo; nós necessitamos talvez até mais, diante do pecado que nos assola, diante da corrupção que nos rodeia. Hoje, mais do que nunca necessitamos da presença do Espírito Santo em nós, mais do que nunca, irmãos. É pela pessoa do Espírito Santo que você discerne se aquela pessoa que você convive de fato é verdadeira ou não, é pelo Espírito Santo que você age na autoridade dele, que você é

usado. É pela pessoa do Espírito Santo que você tem revelação da Escritura Sagrada, é tão somente por meio do Espírito Santo. (MARQUES, 2016)

A relação com o Espírito Santo como eixo central de toda a passagem reforça o ideal da construção da IBL: os dons do Espírito foi o que deu respaldo e identidade à instituição, e quando o pastor retoma a ideia com base no texto bíblico, reforça os princípios da instituição. Neste sentido o pastor dedica boa parte do culto à temática, indo e voltando ao texto de Atos:

A bíblia diz que Paulo, ele identificou que aquelas pessoas não queriam ouvir o ensinamento da escritura. A bíblia diz pra nós que Paulo, mais algum deles, verso 9, se recusaram a crer e começaram a falar mal do caminho. Diante da multidão, Paulo então afastou-se deles. Tomando consigo os discípulos, passou a ensinar diariamente na escola de Tirano. Preste atenção, olha pra mim! A bíblia diz que Paulo, ele foi pra escola de Tirano. Se você estudar a fundo a respeito do que era essa escola, essa escola era usada pela comunidade até às 11 horas da manhã e depois das 4 horas da tarde, isso traz um entendimento pra nós que Paulo ensinava a respeito da escritura de 11 da manhã às 4 horas da tarde, as pessoas tinham sede da palavra e é interessante também ressaltar que Paulo ele ensina nessa escola durante 2 anos. A cidade de Éfeso foi a cidade que Paulo mais ficou em seu ministério, depois dela, ele fica em Corinto, que foi 1 ano e 6 meses apenas. Isso traz pra nós que Paulo, ele investiu na cidade de Éfeso, isso também existe um porquê, a cidade de Éfeso era a capital da Ásia menor, Paulo tinha o sentimento que se ele pregasse o evangelho naquele lugar, se as pessoas fossem cheias do Espírito de Deus e conhecedoras da Escritura, automaticamente por aquele lugar ser uma capital, o evangelho iria se espalhar por toda a Ásia Menor. Não diferente disso aconteceu depois da escola de Tirano, a palavra de Deus diz que muitos homens foram formados e muitas Igrejas foram abertas por meio daquilo que eles aprenderam na escola de Tirano. A Igreja de Laudicéia, várias outras igrejas foram plantadas a partir dos ensinamentos desta escola. (MARQUES, 2016)

É interessante, aqui, ressaltarmos a expressão recorrentemente utilizada pelo pastor Flávio Marques, “a bíblia diz que...”, o que dá uma ideia de que não é ele, ou a Igreja/instituição, quem está dizendo aquilo, mas sim o texto sagrado, dando força à mensagem que está sendo propagada.

A interação entre pastor e fiel se dá neste culto através de questionamentos reflexivos da temática abordada. O tema central do culto, *Quem é você?*, é desenvolvido na permeabilidade entre texto bíblico e reflexões sobre a postura dos fiéis dentro da instituição. Essa interação pode ser verificada no trecho a seguir:

Nós somos a Igreja hoje, se o crescimento de uma Igreja, ele vem por meio do poder do Espírito Santo e o conhecimento da escritura, eu te faço uma pergunta: “em que nós temos investido? Em quem eu e você temos investido?” (MARQUES, 2016)

O jogo Igreja, Escritura, indivíduo e dons do Espírito traz novamente à tona o ideal de crescimento da IBL. Mas não qualquer crescimento numérico; desta vez, o pastor busca um

crescimento qualificado, capacitando os fiéis presentes naquele culto a propagar os princípios bíblicos e os conceitos religiosos próprios da instituição.

O pastor fala aos fiéis sobre o poder de cura adquirido pelo apóstolo Paulo, e isso pelo fato de ele ter conhecimento da Palavra, de modo que, ao ministrá-la, curava os que ali necessitavam de cura. Aqui verificamos novamente uma formulação ambígua: só tem poder de cura aquele que tem conhecimento da Palavra. E é interessante lembrar a demanda social em que a sociedade se encontra, necessitando de cura física, cura espiritual e cura psíquica.

O questionamento “Quem é você?” é novamente retomado quando o pastor reconta a passagem em que os seguidores de Paulo começam a expulsar demônios em nome de Jesus.

[...] eles então procuraram alguns endemoniados, eles impuseram as mãos e disseram: “em nome do Deus que Paulo prega, saia!”. A bíblia diz pra nós que o demônio se manifestou na hora e ele disse: “Jesus eu conheço, Paulo eu sem quem é, mas e vocês quem são?” Vocês quem são, quem é você? Quem você é? Eles notaram na vida de Paulo que Paulo, ele não era limitado pela manifestação do Espírito e ele investia no conhecimento da Palavra e, por isso, ele era usado com milagres. A bíblia diz que o reino espiritual sabia quem era Paulo, a pergunta que eu te faço nessa noite é: Quem é você? Quem você é? Será que nós somos aqueles que também não se limitam por meio do poder do Espírito, aqueles que investem no conhecimento da Escritura e do reino espiritual? Então, nos conhecem pela nossa vida reta e santificada por parte do Espírito ou o reino espiritual não sabe quem somos. (MARQUES, 2016)

Diante disso, interroga aos fiéis presentes se estes estavam devidamente preparados como Paulo. Fala sobre a limitação que hoje se tem em seguir a proposta de Cristo e os caminhos de Paulo. E convoca os fiéis a serem “um instrumento do Espírito Santo na Igreja atual”.

Os termos “Igreja atual” e “Igreja contemporânea” são sempre retomados pelo pastor, traçando-se um paralelo entre passado e presente, ou seja, buscando-se despertar nos fiéis ações próximas do que se tinha na Igreja do passado, de ganhar novos fiéis para aquele seguimento. A ideia de batismo com o Espírito Santo é o centro da Igreja Batista da Lagoinha e se faz ser o centro deste culto. Mas o pastor faz um adendo:

Mas não bastava o recebimento do Espírito Santo, a bíblia diz que Paulo, ele não investiu ou ele não somente impôs as mãos sobre as pessoas, ele começou a ensiná-las porque não basta você também ficar aqui no Chu, você ficar aqui achando que tudo é manifestação do Espírito, sendo que você não consegue ou não conhece de uma forma íntegra, completa, a Escritura Sagrada. É a junção de todas as coisas, é a junção do poder do Espírito com o conhecimento da Palavra, isso gera milagres que, com isso, a conversão [...]. (MARQUES, 2016)

Na fala supracitada, dão-se força e autenticidade para a proposta do culto, que é a de promover o conhecimento do texto bíblico.

Outro trecho, que se refere ao valor econômico, importa ser ressaltado:

Quando a vida espiritual, quando a conversão valer mais que a economia, quando as pessoas pararem de olhar os recursos ou os bens somente e importarem pelo valor de uma vida [...]. (MARQUES, 2016)

Neste sentido, a relação econômica e o aspecto religioso mencionados pelo pastor dão um novo sentido à relação religião e economia e, implicitamente, pode ser percebida uma sutil crítica às Igrejas concorrentes à Igreja Batista da Lagoinha. Trata-se, no caso da Igreja Batista da Lagoinha, de transformar e adequar a mensagem a seu público, promovendo o crescimento da instituição.

Reforçando a ideia de como é importante conhecer o texto sagrado, o pastor traz a seguinte reflexão:

[...] como que eu vou conhecer a respeito do livro da lei do Filho de Deus sendo que o meu WhatsApp, sendo que minhas redes sociais, sendo que tantas outras coisas banais tem mais importância que a leitura, que o estudo do livro, que pode transformar a vida de uma pessoa? (MARQUES, 2016)

Ao se referir às redes sociais e aos aplicativos de comunicação instantânea, o pastor dá proximidade entre o conteúdo que vem sendo tratado através do texto bíblico e a vida cotidiana do fiel. Neste sentido, temos um perfeito exemplo de personalização.

O trecho seguinte resgata novamente as bases fundadoras da Igreja Batista da Lagoinha, o avivamento, e busca respaldo bíblico para dar sentido a essa base:

A bíblia não diz pra nós que aquelas pessoas se converteram com emoção, mas a bíblia diz que aquelas pessoas tiveram uma transformação, uma conversão real, porque a Palavra, na sua simplicidade, na sua pureza, ela foi ensinada por meio de Paulo na escola de Tirano. (MARQUES, 2016)

A conseguinte fala do pastor trafega por dois caminhos, o do não crescimento de evangélicos *versus* um crescimento qualitativo desse grupo. Visa demonstrar que esse crescimento só é possível se a reflexão e o estudo acerca do texto bíblico forem levados em consideração.

Chega irmãos, chega de crescer o número de evangélicos na nossa cidade, mas a cada ano crescer a criminalidade, a pedofilia, a prostituição, chega! Se não for por meio da Palavra de Deus. Se dedica [dedique-se] à palavra de Deus, se há algo na sua vida, de vocês, que não agrada Deus, se há algum pecado domesticado, não será através de uma palavra do pastor que você vai deixá-las, será por uma experiência real com a Escritura Sagrada, será naquele momento onde você vai estar sozinho, no seu quarto dizendo: “Espírito Santo se manifesta em mim, se manifesta através de mim”. Ninguém te segura, irmão, ninguém te para, você vai ser um crente louco por Jesus, a

faculdade vai te conhecer, você vai se destacar no meio das pessoas. Deus, ele pode te usar com curas. Deus, ele pode se manifestar através de você, segundo o propósito dele, como ele fez com Paulo; ele usou Paulo através de milagres e curas, para mostrar a uma cidade incrédula que o poder de Jesus é muito maior do que qualquer manifestação do inimigo. Eu quero dizer pra você, meu irmão, que esse Deus que nós cantamos, que nós pregamos, ele tem todo poder e o poder que ele tem está acima de tempestades, de principados, de demônios desavisados, Jesus tem todo poder! (MARQUES, 2016)

Todo o culto, embora tenha tido como aporte o texto de Atos dos Apóstolos, teve uma mensagem mestra: a de que o fiel deverá promover o crescimento de evangélicos na cidade, mas não um crescimento numérico, mas qualificado. Para tal crescimento, o pastor deixa claro que é indispensável o conhecimento sobre as Escrituras Sagradas, bem como o batismo com o Espírito Santo. Os dois elementos são tratados no culto de forma simples e repetitiva. O pastor conta e reconta o texto sagrado e se faz valer de situações cotidianas atuais para dar vivacidade à mensagem que ali propaga.

Analisando o culto por este aspecto, percebemos claramente que, diferentemente do culto anteriormente apresentado, neste último a personalização se apresenta de maneira mais sutil.

A mensagem final do culto é idêntica à do primeiro, a conversão. Embora o pastor fale de uma conversão de qualidade durante todo o culto, de crentes qualificados, cientes da Palavra e do Espírito, ao final, ele convida a todos os presentes para se dirigirem à frente e ali aceitarem a Jesus como seu salvador, além de se tornarem membros da Igreja Batista da Lagoinha, é claro.

Percebemos que todo o processo, tanto no primeiro culto quanto no segundo, por mais personalizado, por mais destinado a um perfil de público que seja, sempre retoma a ideia de conversão. Retoma-se, assim, uma das bases que sustenta a Igreja Batista da Lagoinha: a ideia de crescimento. Isso pode ser nitidamente percebido nas imagens de ambos os cultos. Sabemos, conforme já mencionado na primeira parte deste capítulo, que o Templo comporta seis mil fiéis sentados. Em ambos os cultos assistidos, percebemos que o local se encontrava praticamente cheio, com pouquíssimos assentos vazios.

Um outro aspecto que é relevante ressaltar é o de como a Igreja Batista da Lagoinha dispõe de um pessoal devidamente preparado para receber os que têm propensão de fidelização à instituição. Quando o pastor chama à frente os fiéis que estão dispostos à conversão, um batalhão de pessoas se coloca de prontidão para guiar essas pessoas: “[...] nós queremos pegar seu nome e seu telefone [...]”, fala o pastor; e completa: “[...] convide o maior número de pessoas para quinta que vem, visite nossos cultos no final [...]”. Essa situação retrata uma preocupação da instituição para com o fiel. Entendemo-la como uma forma de personalização,

que visa propiciar ao fiel o sentimento de ser parte daquele universo imenso que é a Igreja Batista da Lagoinha.

CAPÍTULO II: As contribuições lipovetskyanas para o nosso estudo

No capítulo anterior realizamos uma descrição reflexiva a respeito de dois cultos da Igreja Batista da Lagoinha (IBL). Buscamos evidenciar os elementos que serão analisados em nosso estudo. Neste capítulo traremos as contribuições da teoria que elegemos como mais apropriada para o nosso estudo.

Para tratar de tais contribuições, se faz indispensável justificar aqui o porquê de termos escolhido Gilles Lipovetsky, um filósofo francês, para tratar de uma realidade exclusivamente brasileira. Diante disso, é importante salientar que, embora a obra de Lipovetsky faça menção à situação francesa e por vezes estadunidenses da sociedade, a mesma nos serve como lentes para enxergar algumas situações que se reproduzem aleatoriamente por toda a parte do território brasileiro. Neste caso, com vistas a analisar a realidade religiosa abordada neste trabalho, a saber, a da Igreja Batista da Lagoinha, identificamos o conceito lipovetskyano de personalização como um elemento presente aí nesse contexto religioso.

Todavia, antes de darmos seguimento a tal empreitada e mostrarmos como a teoria de Lipovetsky pode lançar luz à realidade religiosa focada neste trabalho, convém, pois, entender quem é Lipovetsky, bem como elucidar a sua noção de personalização, caracterizando os possíveis desdobramentos desse conceito sobretudo na esfera religiosa.

Gilles Lipovetsky (1944 -) é filósofo e professor na Universidade de Grenoble, na França. É pesquisador da chamada cultura pós-modernista. Seu pensamento baseia-se no estudo do predomínio do individual sobre o universal e na busca de compreensão da diversificação extrema da conduta e dos gestos do ser humano contemporâneo. Uma grande parte de seus livros já foi traduzida em 18 idiomas, inclusive o português. Sua primeira obra, *A era do Vazio: ensaios sobre o individualismo*, publicada em 1983, versa sobre o mundo contemporâneo tratando de elementos como o individualismo, a frivolidade e o efêmero. Nesta mesma direção, Lipovetsky publica, em 1987, *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*, atendo-se à questão da sedução e da diferenciação nas sociedades democráticas e apontando como a “moda perfeita” poderia ser um elemento de concretização das sociedades liberais. Ao tratar das questões mais ligadas à ética na contemporaneidade, publica, em 1992, *O crepúsculo do dever: a ética indolor dos novos tempos democráticos*, obra na qual trata da revitalização dos “valores” e o espírito de responsabilidade que nossa época ostenta. No que diz respeito a um dos conceitos caros a Lipovetsky, é publicado, em 2004, em parceria com Sébastien Charles, o livro *Os tempos hipermodernos*. Neste escrito, o nosso autor trata de sua trajetória intelectual e nos aponta elementos importantes para compreender o que ele chama de

“segunda revolução moderna”, dedicando-se a caracterizar a hipermodernidade. Já em 2006 publica *A sociedade da decepção*; em 2007 *A Felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*; em 2008, *A cultura-mundo*; em 2010, *A globalização ocidental*, dentre outros títulos como: *O luxo eterno: da idade do sagrado ao tempo das marcas*, *Metamorfoses da cultura liberal*, *A sociedade da decepção*, *A sociedade pós-moralista*, *A terceira Mulher*, *A estetização do mundo* e sua última publicação foi: *Da leveza. Rumo a uma civilização sem peso em 2016*.

Lipovetsky (2005a) apresenta, em seus estudos, contribuições para a análise do individualismo através de reflexões a respeito da contemporaneidade, com um olhar diferenciado. A leitura lipovetskyana nos leva a entender a história humana no decorrer do tempo a partir da modernidade, sem nos atermos a uma nostalgia do passado. Para o autor, esse tempo é marcado por características que são preservadas e acentuadas pelos indivíduos de maneira inconsciente, mas passíveis de serem identificadas a partir de alguns fatores, como a moda, a efemeridade do luxo, a personalização e a estetização da vida, dentre outras.

Para essas reflexões, o autor recorre tanto a autores clássicos da filosofia e da sociologia, como Nietzsche, Tocqueville, Pierre Clastres, Marcel Mauss, Freud, Durkheim, Weber, Lévi-Strauss, Voltaire, quanto a contemporâneos como Pierre Bourdieu, Lyotard, Heidegger, Marcel Gauchet, Michel Foucault, Antony Giddens, Guy Debord, Edgar Morin e Zygmunt Bauman.

Lipovetsky busca, em sua obra, refletir sobre as novidades do mundo contemporâneo, sem se ater à nostalgia do passado. Aponta para elementos que estão em nosso cotidiano e que merecem ser reconhecidos como a realidade da sociedade, assinalando para as formas voláteis e subjetivas de nosso tempo.

No que diz respeito à sua repercussão no cenário acadêmico brasileiro, pudemos encontrar pesquisas que utilizam Lipovetsky como referência nas áreas da moda, da comunicação, da filosofia, do consumo, da psicologia e da religião. Há aqueles que tratam as ideias de Lipovetsky como distantes e ilusórias sobre os temas tratados, mas há um grupo, no qual me compreendo, que acredita que as ideias do autor são pertinentes para a análise das transformações pelas quais passa a nossa sociedade, desde o advento da chamada modernidade. Por essa razão, torna-se necessário elucidar o modo como Lipovetsky compreende os próprios conceitos de modernidade e hipermodernidade.

2.1 Da modernidade à hipermodernidade

É comum pensar a sociedade em sua complexidade através de vários pontos de vista, seja sociológico, filosófico, científico ou antropológico. Busca-se um único conceito que abarque os fenômenos e as implicações sociais. O mundo se constrói através das mudanças; neste caso a lente estará sobre as mudanças a partir do século XIX. Assim, para Lyotard (1989), os tempos contemporâneos são evocados sob o signo da pós-modernidade. Em sua obra, esse autor analisa as condições do saber anexas às mudanças culturais e históricas e afirma que “o saber muda de estatuto ao mesmo tempo em que as sociedades entram na idade dita pós-moderna” (LYOTARD, 1989, p. 3). Com isso, esse teórico pretende ressaltar, mediante o uso da expressão “pós-modernidade”, que os tempos atuais assinalam diferenças em relação ao período moderno, ou seja, trazem novas características, diferentes daquelas que vislumbrávamos nos tempos de outrora. Daí o uso do prefixo “pós”, a fim de demarcar essas transformações⁸.

Já Zygmunt Bauman (2001) denomina os tempos atuais de “modernidade líquida”, pois compreende que este período é um momento da história humana em que os preceitos duros, sólidos e sedimentados da sociedade tornaram-se fluidos.

Sem nos alongarmos mais nessas divagações, vê-se, assim, que os tempos atuais recebem diferentes nomenclaturas, cada qual designando uma linha de análise. A do nosso autor, Gilles Lipovetsky (2011a), procura compreender a sociedade contemporânea como uma hiperbolização de algumas ideias da sociedade moderna. Trata-se do que ele nomeia como a sociedade “hipermoderna”. Optamos por adotar o modelo teórico de hipermodernidade de Lipovetsky para dar destaque a ideias trazidas pelo autor e demarcar o que está “para além” desse “moderno”, sem evocar a ideia de uma ruptura plena ou absoluta em relação à modernidade. Compreendemos que a teoria de Lipovetsky auxilie na análise da sociedade contemporânea, pelo fato de não a compreender apenas por um viés, mas por evocar os paradoxos que a constituem enquanto tal. Lipovetsky (2005a) defende que os preceitos constitutivos da modernidade foram radicalizados, e não rompidos. São eles: a racionalidade técnica, a economia de mercado, a democratização do espaço público e a ampliação da lógica individualista. É importante deixar claro que o modelo teórico de hipermodernidade não quer

⁸ Na obra *A era do vazio*, de Lipovetsky (2005), o autor se valia do termo “pós-modernidade”, de Lyotard (1989), pois percebia, naquele momento, um tempo em que havia rupturas, mas também continuidades em relação ao período moderno. Posteriormente, em *Os tempos hipermodernos*, abandona essa terminologia, pois julga que ela não abarca a complexidade e a paradoxalidade do nosso tempo, que envolve não apenas rupturas em relação ao passado, como, por exemplo, em relação ao domínio de um futuro próspero proclamado pelas grandes ideologias, pelo avanço tecnológico-científico e, sobretudo, pelo predomínio da razão. O nosso tempo, para ele, está marcado também por uma continuidade de muitas características identificadas como próprias da modernidade.

dizer que se chegou ao fim da modernidade. Muito pelo contrário, trata-se de um período de transição no qual se vivenciam incertezas, questionamentos e buscas constantes, em especial no campo religioso.

Lipovetsky parte de questionamentos como: Estaríamos vivenciando o fim da ética, do moralismo, da história, tal qual os conhecemos, e abrindo caminho para que através da construção da autonomia e da liberdade desconstruíssemos a ideia do sacrifício e da condenação do prazer?

Com tamanha instabilidade das formulações sociais, questionamentos dos valores e gostos, somos postos à prova de que o indivíduo está um passo à frente do que compreendíamos como pós-moderno. Mas tamanha inquietação é um fato histórico da sociedade ocidental.

Com o passar do tempo, Lipovetsky revê sua conceituação e entende que havia um princípio de ambiguidade. Trata-se do que ele denomina “modernidade de gênero” (LIPOVETSKY, 2007, p. 52). Sem abrir mão do que construiu até então, o autor prefere uma via menos radical e analisa as distinções temporais da modernidade e pós-modernidade como um processo contínuo, muito embora encontre-se mudanças distintas entre elas. Surge aí uma modernidade diferente daquela projetada no raiar do século XVII. Dá espaço à hipermodernidade, tendo como ponto forte a pluralidade.

Podemos perceber claramente esse intenso processo de transformação através da evolução da tecnologia e das ciências, e com a ideia do fim das grandes ideologias e dos discursos políticos com pretensões messiânicas. Isso acarreta o surgimento da cultura hedonista, o culto à perfeição estética do corpo, a comunicação expressa, a fluidez e transitoriedade das relações, a maleabilidade dos costumes. A modernidade radicalizou-se, tudo está em alta velocidade, o que nos leva aos excessos. Daí o prefixo “hiper”: hipermercado, hiperatividade, hipertexto, hipercapitalismo, hiperconsumo, etc. São tantos os “hiper’s” que não damos conta de tamanho estímulo, o que gera a busca incessante por um novo espaço que nos caiba, que preencha o vazio deixado pelo movimento expresso de nossa sociedade.

Tudo é produzido em larga escala: alimentos, vestes, entretenimento, lazer. E tudo se torna obsoleto em curtíssimo prazo. Venda, consumo, descarte: é o ciclo no qual flui nossa sociedade. Vivemos estupefatos pelo novo, pela transitoriedade das informações, pela fugacidade de nossas relações. Daí nos perdermos na ambiguidade dos discursos por vezes desprovidos de sentido: consumir ou preservar, descartar ou reciclar. As verdades, o conhecimento e a cultura tornam-se relativos, o que influi diretamente nas normas e valores que orientam os indivíduos.

Para o autor, “o pós-moderno implicava descontinuidade e continuidade, um estágio decerto pós-revolucionário, pós-disciplinar, pós-autoritário, mas ele também se inseria entre os corolários da lógica laica democrática e individualista” (LIPOVETSKY; CHARLES, 2011a, p. 113). O autor compreende a pós-modernidade como o momento do segundo ciclo individualista, ou seja, a era do narcisismo. Ao analisar o pensamento de Lipovetsky, Brito entende que,

enquanto a modernidade foi obstinada em produzir e revolucionar, a pós-modernidade aferra-se em informar e expressar. Informação e expressão sem alvo, que expõem o narcisismo, fator de análise do vazio que perpassa essa época. (BRITO, 2015, p. 159).

Sendo assim, o ponto chave de entendimento da pós-modernidade está no individualismo. De acordo com Lipovetsky (2005a), o surgimento do individualismo está associado ao advento do Estado moderno e à expansão da economia liberal. Como o Estado liberal opera de forma efetiva e simbolicamente centralizada, faz com que se liquefaça a dependência pessoal que oriunda dos antigos laços, o que contribui para um indivíduo independente de alianças e tradições. Também pelo aspecto econômico, a ampliação do sistema de valor e de troca promove o surgimento desse indivíduo que se preocupa com o alcance de seus interesses particulares.

O individualismo tem seu marco na modernidade, isso devido ao momento histórico marcado por lutas sociais intensas, ressalta Lipovetsky (2005a). A ideologia passa a ocupar um importante papel nesta sociedade, sendo um dos grandes eixos da modernidade. Por um lado, ela promove as aspirações individuais e coletivas, ocasionando o domínio e a expansão do poder. Por outro lado, propicia a derrubada da ordem e a implantação de um novo olhar social, econômico e político. Desta forma, substitui o lugar ocupado pela religião.

O movimento artístico que aconteceu no fim século XIX e início do século XX também é analisado por Lipovetsky (2005a). Segundo ele, este movimento, o modernismo, é um marco importante para o início da pós-modernidade. Pois o movimento representa a rebeldia de si e de todos os apegos e preceitos burgueses. Para ele, o modernismo

não é mais do que uma face do vasto processo secular que conduz ao surgimento das sociedades democráticas baseadas na soberania do indivíduo e do povo, sociedades liberadas da submissão aos deuses, das hierarquias hereditárias e do domínio da tradição. (LIPOVETSKY, 2005a, p. 66).

Neste contexto, o indivíduo passa a ter uma percepção de si como uma finalidade, e não mais como um meio dentro da sociedade. Outro ponto que corrobora para a mudança na postura desse indivíduo pós-moderno é a Psicanálise, que surge como teoria e técnica, possibilitando que o indivíduo se volte totalmente para si. A pós-modernidade, para Lipovetsky (2005a), é marcada pelo hedonismo, pela permissividade e pela individualização.

Já o conceito de hipermodernidade é cunhado pelo autor para atender a demanda a qual o conceito pós-modernidade não mais abarcava. Lipovetsky, no livro *Os tempos hipermodernos*, assinado em parceria com Sébastien Charles, entende que vivenciamos um momento paradoxal, neste caso, a hipermodernidade, que tem como característica o contínuo processo de individualização e a pluralidade. Nessa obra, os autores compreendem que,

no momento em que triunfam a tecnologia genética, a globalização liberal e os direitos humanos, o rótulo *pós-moderno* já ganhou rugas, tendo esgotado sua capacidade de exprimir o mundo que se anuncia (LIPOVETSKY; CHARLES, 2011a, p. 52).

Em outro momento, o autor defende que, desde os anos 1950 já havia elementos de uma nova era, a hipermodernidade, a qual “estava mais centrada no presente – no hedonismo, no prazer, no consumo, na liberação sexual, – com o fim das crenças políticas.” (LIPOVETSKY, 2004b, p. 4). Havia aí um problema de conceitualização, pois “evidentemente não se era pós-moderno, mas se vivia em uma outra modernidade”. Mas a hipermodernidade não é a postulação do fim da modernidade em si. Nesse sentido, o autor defende que,

longe de decretar-se o óbito da modernidade, assiste-se a seu remate, concretizando-se no liberalismo globalizado, na mercantilização quase generalizada dos modos de vida, na exploração da razão instrumental até a “morte” desta, numa individualização galopante. (LIPOVETSKY; CHARLES, 2011, p. 53).

Para o autor, pode ser entendida também como segunda modernidade onde três pontos são fundamentais para compreender essa fase. O mercado, a eficiência da técnica e o indivíduo. Podem parecer repetitivos, mas na hipermodernidade esses três pontos se acentuam ainda mais, em especial o indivíduo e o mercado. Ambos velados pela sedução e pelo consumismo. (LIPOVETSKY, CHARLES, 2011a, p. 60).

2.2 O indivíduo no tempo: moderno e hipermoderno

Para Lipovetsky, a chave de leitura para a compreensão do indivíduo está no entendimento deste fazedor de história no tempo. A forma como o indivíduo se relaciona com o tempo e com os fatos históricos que ali se produzem são imprescindíveis para compreender o sujeito ao longo da história. Todavia, o autor em foco analisa as épocas de uma maneira diferente de muitos filósofos. Ele alega que seu modo de filosofar está totalmente distanciado de uma *philosophia perennis*. Daí a sua não aceitação no mundo acadêmico. Em entrevista concedida a Charles (2006, p. 147), Lipovetsky declara que o seu empreendimento teórico poderia ser qualificado como um esboço da “história do presente” ou uma “filosofia social da contemporaneidade”.

Ao buscar compreender os grandes problemas filosóficos através desse modelo de análise, Lipovetsky detém-se sobre a relação do indivíduo com o tempo, a fim de apresentar alternativas práticas e simples para a reflexão dos sujeitos. Daí um ponto importante para a sua grande aceitação pelo público não acadêmico, bem como o rápido esgotamento de seus livros, alguns deles vendidos como *best sellers*.

Neste sentido, buscaremos, aqui, peregrinar pelo pensamento de Lipovetsky, elencando elementos que compreendemos ser importantes para a leitura da sociedade contemporânea.

Um dos conceitos importantes que Lipovetsky nos traz é a ideia de tempo social. Embora ele não delimite em sua obra, de maneira clara, o que vem a ser o que ele chama de tempo social, podemos compreender que este tempo está associado ao modo de ser e de agir de um determinado grupo.

Tal provocação do conceito parte de compreender o que o autor nos aponta como elemento importante para entender a relação do sujeito com a modernidade, com a pós-modernidade (termologia repensada pelo próprio autor no amadurecimento de suas obras) e com a hipermodernidade.

Os autores nos falam a respeito do “regime do tempo social que governa nossa época” (LIPOVETSKY; CHARLES, 2011a, p. 58). Esse tempo é entendido não no sentido do tempo da natureza, que é mensurado pelos relógios e cronômetros, nem mesmo no sentido do tempo do indivíduo, marcado por suas vivências pessoais, mas, sim, um “tempo social” associado à forma de viver. Tal relação com o tempo é marcada pelo deslocamento do centro de gravidade temporal: a ênfase outrora atribuída ao futuro desloca-se para o presente. Desse modo, na modernidade tínhamos um olhar voltado para o futuro, baseado em promessas de um mundo melhor, de avanços. Na hipermodernidade, vivenciamos uma ênfase no presente que, todavia,

não se realiza da mesma forma que na modernidade: o tal futuro melhor não chegou, de modo que nos desconectamos das promessas do passado (da modernidade) e passamos a viver um presente pleno, sem esperanças messiânicas no futuro e sem nostalgias do passado. Vivenciamos apenas o presente de cada dia, um de cada vez. Os acontecimentos históricos tornam-se novos referenciais. Ocorre uma “revolução do cotidiano, com as profundas convulsões nas aspirações e nos modos de vida estimuladas pelo último meio século”; essas transformações é que instauram “a consagração do presente”. (LIPOVETSKY; CHARLES, 2011a, p. 59).

O mundo se movimenta de maneira incessante, há muita sedução, consumimos e somos consumidos pelo desejo e pela dinâmica do consumo. A novidade se faz regra e reorganiza o presente (LIPOVETSKY; CHARLES, 2011a). Tudo isso é vivenciado sob o regime do paradigma da “forma-moda”, que Lipovetsky (2005b) vê se expressar na seguinte sentença: “tudo o que é novo apraz”.

Este movimento fez com que a primazia do presente se instaurasse pelo excesso, havendo, assim, uma mudança social (na estrutura das relações sociais), o que desencadeou uma transformação no modo de o indivíduo se relacionar com o tempo, de viver a dinâmica temporal.

A hipermodernidade ou modernidade de segundo tipo⁹ tem início a partir dos anos 1950, e acentua-se sobretudo em 1980 (LIPOVETSKY, 2004b, p. 4). Sua principal marca é a brevidade, tem-se um presentismo de segunda geração, em que reinam a globalização neoliberal e a revolução da informática, em que ambas comprimem o espaço/tempo e potencializam a lógica da brevidade, de um presente imediato¹⁰.

Este novo tempo fez com que o rótulo pós-moderno passasse a ser um vestígio do passado, dando lugar a um “composto paradoxal de frivolidade e ansiedade, de euforia e vulnerabilidade” (LIPOVETSKY; CHARLES, 2011a, p. 65).

Neste sentido, não se trata de afirmar que o indivíduo contemporâneo vive confinado numa imediatez esvaziada de todo projeto (futuro) e de toda herança ou memória do passado. Lipovetsky (2011a) critica a ideia de que a hipermodernidade se distingue pela mera ideologização e pela generalização do reinado da urgência, tal como aparece no livro *1984*, de

⁹⁹ A primeira modernidade, ou modernidade de primeiro tipo é compreendida na segunda metade do século XX, é marcada pela exaltação da razão, as instituições laicas atuavam como organismos reguladores da vida social, empurrando a religião para um presença e atuação marginal (LIPOVETSKY, 2005c)

¹⁰ A primeira geração do presentismo tinha como marca o espírito liberacionista e otimista, acentuado pela frivolidade. A propósito, ver Lipovetsky; Charles (2011, p. 64).

George Orwell (1998), obra em que o autor trata da civilização do “presente perpétuo”, sem passado nem futuro.

O autor ressalta ainda a relação obsessiva do indivíduo contemporâneo com o tempo. “O tempo é cada vez mais vivido como preocupação maior” (LIPOVETSKY, CHARLES, 2011a, p. 75), de modo que o indivíduo vivencia o paradoxo de agir sempre contra o tempo, isto é, continuamente tentando ganhar tempo e, a uma só vez, experimentando que lhe falta tempo para realizar o que deseja e precisa. O próprio subtítulo do capítulo escrito por Lipovetsky em *Os tempos hipermodernos*, “*O tempo contra tempo, ou a sociedade hipermoderna*” sugere a nossa atual situação paradoxal com a noção de tempo.

Vivenciamos uma multiplicação de temas e conflitos ligados ao tempo, uma plena guerra contra o tempo, tudo se passa como se houvesse uma constante tensão entre o tempo objetivo (tempo da ação) e o tempo subjetivo (tempo enquanto vivido, experienciado pelo sujeito).

A hipermodernidade é um tempo de transformação, uma “metamodernidade à qual subjaz uma crono-reflexividade” (LIPOVETSKY; CHARLES, 2011a, p. 77). Nela instaura-se uma sensação de que o tempo se tornou rarefeito, de modo que o indivíduo contemporâneo vivencia uma “falta de tempo”. A modernidade foi construída pensando o tempo como um tempo de trabalho, já a hipermodernidade se constrói sobre a ideia de escassez do tempo. Mas tal escassez apresenta-se de maneira paradoxal. Por um lado, “o indivíduo empreendedor, hiperativo, desfrutando a velocidade e a intensidade do tempo; de outro, o indivíduo esmagado ‘à revelia’ pela ociosidade” (LIPOVETSKY; CHARLES, 2011a, p. 78). Tal dualização é apresentada por Lipovetsky (2011a), com base nas discussões de Robert Castel.

Lipovetsky apresenta a tese de uma “dinâmica global” que teria transformado “profundamente a relação dos indivíduos no tempo social” (LIPOVETSKY; CHARLES, 2011a, p. 78), isto é, a maneira como o indivíduo otimiza seu tempo, fazendo uso de hipermercados. A maneira como indivíduo contemporâneo consome faz com que ele modifique sua maneira de perceber e lidar com o tempo. O autor defende a ideia de uma pluralização e de uma individualização (personalização) generalizadas das maneiras de gerir o tempo. Essa maneira de gerir o tempo leva a uma “nova sensação de sujeição ao tempo acelerado, e só se apresenta paralelamente a um poder maior de organização individual da vida” (LIPOVETSKY; CHARLES, 2011a, p. 79). Trata-se de duas faces de uma mesma moeda. Por um lado, temos um poder maior de organização individual da vida. Por outro, temos a sensação de sujeição ao tempo acelerado. Juntas, essas duas faces constituem uma nova relação com o tempo.

Em nossa leitura da obra de Gilles Lipovetsky, consideramos que, por caráter didático, se faz necessário apresentar o modo como esse autor compreende a categoria de “tempo”, distinguindo-a em etapas, momentos ou períodos. Lipovetsky não apresenta uma separação distinta e acirrada entre os períodos moderno e hipermoderno, mas compreendemos que, para compreender melhor essa organização interpretativa do tempo desde a modernidade, seja útil abordar cada uma de suas principais características. Ressalte-se que há distinção, mas não ruptura, entre os dois períodos supramencionados.

Para Gilles Lipovetsky (2005a), a modernidade está intimamente ligada ao surgimento do individualismo, compreendido como uma ênfase posta sobre o indivíduo (o Eu). Isso é explicitado através do advento do Estado moderno e mediante a expansão da economia liberal. Por um lado, o Estado moderno operou de maneira simbólica com uma forte centralização, isso já desde o absolutismo, o que contribuiu para que as alianças ligadas à tradição perdessem peso nas decisões e no modo de viver dos indivíduos. Por outro lado, a expansão econômica liberal, fomentada pela reestruturação do sistema valorativo de troca, fez com que os indivíduos se preocupassem mais com seus interesses particulares.

A relação desse indivíduo consigo mesmo e com o meio social culmina com o individualismo. Este, por sua vez, se apresenta como uma nova maneira de viver ligada às aspirações financeiras, à vida íntima, ao bem-estar, à segurança, à prosperidade, valores que vão na contramão da antiga maneira tradicional de se organizar a sociedade (LIPOVETSKY, 2005a).

Na modernidade, surge a promessa de um futuro melhor. Supõe-se que os avanços da ciência e da tecnologia resolverão os problemas da sociedade. A revolução e o consumo em massa propiciam novas sensações, uma nova forma de perceber o mundo. O indivíduo começa a se enxergar como único, como um ser especial nesse mundo, muito embora ainda tivesse que cumprir com suas obrigações, fossem elas com a Família, Igreja, Pátria, Partido ou Ideologia, entidades essas que dominavam a sociedade e que faziam promessas de que, com o seguimento de seus princípios, o indivíduo alcançaria sua ascensão.

Um marco importante para a mudança de postura dos indivíduos na modernidade é a Revolução Francesa (1789 – 1799), que difundiu valores que aos poucos a Europa começa a vivenciar com a chegada de novos tempos, processo este que fez com que os indivíduos tivessem uma possibilidade de escolha mais ampla, inclusive das relações que cada um deles vem a estabelecer com as outras pessoas.

Por decorrência disso, a relação amorosa, afetiva ganha força, em aspiração a uma individualidade e em detrimento da atenção às necessidades e ao plano de um determinado

grupo social (LIPOVETSKY, 2009). Com efeito, no período que antecede a modernidade, as relações afetivas eram estabelecidas de acordo com os interesses das famílias. Todavia, com a chegada do pensamento moderno e do individualismo (entendendo-o como uma maior força e aspiração ao eu próprio), as relações afetivas ganham uma nova roupagem, de modo que o interesse pessoal, o sentimento e o amor a si próprio prevalecem.

Para Lipovetsky (2005a), a principal característica da pós-modernidade é o processo de personalização. De acordo com o autor, esse processo é compreendido através de uma perspectiva histórica e comparativa. Tal processo determina “a linha diretiva, o senso do novo, o tipo de organização e de controle social que nos liberta da ordem disciplinar-revolucionária-convencional que prevaleceu até o decorrer da década de 1950.” (LIPOVETSKY, 2005a, p. XVI).

Tal processo demarca a maneira como o indivíduo passa a se relacionar consigo e com a sociedade. De acordo com Charles (2006, p. 141), a sociedade pós-moderna, na compreensão de Lipovetsky, “é a do fechamento no ego, da preocupação consigo, das histórias pessoais”. Trata-se do processo de personalização tanto da vida coletiva quanto privada, no qual as relações estabelecidas dependem primeiramente do interesse individual para depois se estabelecerem com o grupo.

O engajamento pelo saber, pelo social e pelo científico se perde na pós-modernidade. Vive-se um momento do cada um por si. Os valores transmitidos pelas grandes instituições perdem a sua importância. “Deus morreu, as grandes aspirações se extinguem, mas *ninguém está dando a mínima importância*” (LIPOVETSKY, 2005a, p. 19, grifo do autor): eis o modo como o autor francês interpreta o limite do dito nietzschiano expresso em *Assim falou Zaratustra*. Charles (2006, p. 142) ressalta que, aos olhos lipovetskyanos, a pós-modernidade “é a imanência individual em um mundo sem transcendência nenhuma, a não ser a transcendência, ilusória, do ego”. Tal falta de engajamento social e essa descrença total para com o todo distorcem o que se entendia como moral: a responsabilidade torna-se flexível. Os valores morais flexibilizam-se na pós-modernidade.

A noção de indiferença, que nasce do que Lipovetsky chama de “deserção em massa”, organiza-se de maneira silenciosa e apática na vida cotidiana das grandes metrópoles. Ela carrega o que o autor nomeia como “deserto paradoxal”, pois não vem das tragédias de caráter mundial, mas esvazia o sentido do corpo social e o transforma em “corpo exangue”. Tal indiferença é denominada de deserto paradoxal, pois

o vazio dos sentimentos e o desmoroamento dos ideais não trouxeram, como era de se esperar, mais angústia, mais absurdo e mais pessimismo. [...] O deserto não mais se traduz pela revolta, o grito ou o desafio da comunicação; nada além da indiferença pelos sentidos, uma ausência inelutável, uma estética fria da exterioridade e da distância, mas não de distanciamento. (LIPOVETSKY, 2005a, p. 19-20).

Essa deserção em massa é um tipo de indiferença predominante na pós-modernidade. Nesse tempo, entendido como a era espetacular, as “antinomias duras” tornam-se fluidas. É possível o indivíduo viver “sem finalidade e sentido, em sequências instantâneas, e isto é uma novidade” (LIPOVETSKY, 2005a, p. 21).

A pós-modernidade, de acordo com a análise de Lipovetsky (2005a), assim como a modernidade, tem um caráter dual, de modo que o mesmo indivíduo irresponsável se torna responsável. A mesma postura de descuidado, de desrespeito, pode tornar-se uma postura de pleno zelo. Isso se dá de acordo com o interesse pessoal desse indivíduo.

A falta de perspectivas quanto ao futuro revolucionário prometido pela modernidade e um desligamento com o passado são outros aspectos relevantes a serem ressaltados sobre a pós-modernidade. Tais aspectos fomentam ainda mais a valorização do presente enquanto tempo de duração das relações sociais. (LIPOVETSKY, 2005a, p. XXI).

Futuro incerto e insensibilidade são fortes características que Lipovetsky observa nos indivíduos da pós-modernidade. É uma cultura, segundo o autor, “descentrada e heteróclita, materialista e psicológica, pornográfica e discreta, inovadora e retrógrada, consumista e ecológica, sofisticada e espontânea, espetacular e criativa” (LIPOVETSKY, 2005a, p. XXI). Tais lógicas dualistas geram uma instabilidade e reforçam ainda mais o processo de personalização.

Outro aspecto relevante na análise de Lipovetsky sobre a modernidade é a sua interpretação a respeito do individualismo. Ele compreende que a pós-modernidade é o segundo ciclo do individualismo, em que se passa de um individualismo contestador para um individualismo operacional, voltado para os interesses intimamente pessoais, principalmente no âmbito empresarial.

Partindo da revisão de seu pensamento, Gilles Lipovetsky (ENTREVISTA, 2010, p. 155) destaca que o que ele chama de hipermodernidade é um modelo teórico para compreender o mundo atual.

Longe de decretar-se o óbito da modernidade, assiste-se a seu remate, concretizando-se no liberalismo globalizado, na mercantilização quase generalizada dos modos de vida, na exploração da razão instrumental até a

“morte” desta, numa individualização galopante. (LIPOVETSKY, 2011a, p. 53).

Após um grande período de desilusão diante da não realização das promessas da modernidade, com pesada incerteza e fragilidade, em especial nos primeiros anos do século XX, percebe-se que a modernidade adquiriu traços ainda mais enfáticos, ressalta Charles, ao analisar a obra de Lipovetsky.

O problema é que o futuro dos modernos – que se tornou nosso presente – não honrou todas as suas promessas, ao contrário, e nós sabemos bem isso. O progresso tecnológico perdeu o seu encanto [...] a justiça e a igualdade permanecem como reivindicação e são passíveis de defesa [...] a felicidade permanece como um ideal [...]. Donde o sentimento atual de desânimo diante da modernidade e do que nós nos tornamos. (CHARLES, 2009, p. 16-17).

Antes, vivenciamos uma modernidade pautada no mercado e na desregulação econômica, em que a democracia se perde e a técnica e a razão tornam-se instrumentos de guerra. Tudo passou em uma piscadela de olhos, “a coruja de Minerva anunciava o nascimento do pós-moderno no momento mesmo em que se esboçava a hipermodernização do mundo” (LIPOVETSKY, 2011a, p. 53).

Lipovetsky (2011) destaca que o conceito de hipermodernidade implica uma tensão entre o viver o presente e as reações do futuro. O autor define os tempos hipermodernos como uma extensão de três aspectos da modernidade, ressalta Forbes (2005, p. 64). São eles: “o individualismo, o tecnicismo e o mercado, que multiplicaram seu alcance sobre as relações humanas”. Forbes ainda ressalta os paradoxos que Lipovetsky menciona em sua obra, o que nos faz repensar a maneira com que analisamos o mundo e as suas implicações históricas.

Um conceito desenvolvido por Lipovetsky que julgamos ser imprescindível deixar claro nesse trabalho é o de personalização. O autor dedica boa parte de suas obras para tratar sobre tal processo. Trata-se do conceito-chave que será utilizado na terceira parte deste trabalho.

2.3 A personalização

O processo de personalização é um conceito-chave para compreendermos a hipermodernidade. Esse processo está associado à lógica que remodela de maneira superficial ou profunda as esferas da vida social. Pode ser entendido como uma segunda revolução individualista. Passamos de uma moral rigorista, em que a condenação do prazer, a Igreja, a

Família e as Ideologias balizavam o sentido de nossas vidas, em que não podíamos escolher nem refutar o discurso de uma autoridade.

O processo de personalização é caracterizado pelo foco nos aspectos particulares da vida, ou seja, por uma obsessão por si próprio. Desta forma, o indivíduo vive em busca de sua realização.

Tal processo segundo Lipovetsky é uma estratégia global, capaz de direcionar o curso da sociedade pós-moderna. Na modernidade, o caminho era o tradicional, e todos seguiam o mesmo curso. Já na pós-modernidade, a via é plural e aberta.

Lipovetsky analisa esse processo sob dois aspectos, considerando-o numa perspectiva negativa e numa face positiva:

Negativamente, o processo de personalização remete à fratura da socialização disciplinar; positivamente, ele corresponde ao agenciamento de uma sociedade flexível baseada na informação e no estímulo das necessidades, no sexo e na consideração dos “fatores humanos”, do culto ao natural, da cordialidade e do humor. Assim opera o processo de personalização, nova maneira de a sociedade se organizar e se orientar, novo modo de gerenciar os comportamentos, não mais pela tirania dos detalhes, mas com o mínimo de constrangimento e o máximo possível de escolhas privadas, com o mínimo de austeridade e o máximo de desejo, com o mínimo de coerção e o máximo possível de compreensão. (LIPOVETSKY, 2005a, p. XVI-XVII).

A relação que o indivíduo estabelece com as regras, mesmo sendo elas por um lado homogêneas, pelo outro heterogêneas, de um lado universal, de outro particular, se coloca em favor de sua realização pessoal. Todavia, o que mais pesa para transformação deste estilo de vida é a revolução do consumo. O consumo em massa propicia ao indivíduo experiências ilimitadas. “O prazer e o estímulo dos sentidos se tornam os valores dominantes na vida comum” (LIPOVETSKY, 2005a, p. 83). Com isso, o novo se consagra, seja como um aspecto de escolha, seja como um radicalismo. Lipovetsky (2005a) e (2004b) aponta-nos elementos que colaboraram para a construção dessa identidade nas décadas de 1950 e 1960: a cultura hedonista, o radicalismo político e cultural, como revoltas estudantis, contracultura, liberação sexual, elementos importantes para construção da identidade pós-moderna. Ou seja, para chegarmos ao consumismo, tivemos por primeiro o hedonismo¹¹, a cultura do prazer.

Lipovetsky (2005a, p. XVIII) compreende que o processo de personalização apresenta duas faces. A primeira, dita “adequada” ou operacional, está atrelada à não padronização e à

¹¹ Hedonismo é a busca indiscriminada por prazer. Trata-se de uma doutrina filosófica que compreende o prazer como o único bem possível. Podemos interpretá-lo como o princípio e o fim de uma vida feliz associado à busca por bens materiais.

fluidez da sociedade. E a segunda, tida como “selvagem” ou paralela, volta-se para a autonomia e a particularização de grupos e de indivíduos. Trata-se de um complexo paradoxo: ao mesmo tempo que temos uma falta de padrão, uma extrema flexibilidade, vivenciamos uma autonomia grupal, na qual os indivíduos se juntam à medida em que percebem que um determinado grupo favorece aos seus interesses particulares, interferindo em todo o processo relacional da sociedade em questão.

A era do consumo consagrou-se após a Segunda Guerra Mundial. A liberdade da esfera particular, a força da secularização e o *boom* tecnológico favorecem a construção do imaginário do indivíduo em relação à sua qualidade de vida e o *status* que passará a galgar na sociedade. A publicidade e a mídia influenciam a vida cotidiana. Passam a ditar “as regras”, a moda que deverá ser seguida.

Lipovetsky, no que diz respeito à análise da modernidade e da pós-modernidade, caminha na contramão do pensamento de Foucault¹². A obra *Vigiar e punir*, de 1975, é o livro em que esse último autor apresenta como as relações sociais se dão na sociedade moderna, segundo a sua perspectiva. Ele entende que a sociedade moderna é regida pela disciplina, que o Estado moderno é altamente disciplinador e normativo, o que faz com que o indivíduo seja capturado em uma rede de poder que o torna útil e dócil aos interesses do sistema de produção capitalista. A disciplina se constitui, para Foucault (1997, p. 133), em “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade”.

Ao estudar a sociedade disciplinar, Foucault (1997) entende que as particularidades dessa sociedade estão atreladas à existência de um desvio diante da norma. Para normalizar o sujeito moderno, era necessário, segundo o filósofo, mecanismos ou dispositivos de vigilância, capazes de levar o indivíduo a interiorizar a culpa, causando-lhe remorsos por suas ações.

Em uma entrevista concedida a Sébastien Charles (2006, p. 150), Lipovetsky declara: Foucault entende que “a modernidade se define pela razão e essa razão vai de par com um processo de exclusão, de normalização, de standardização e de controle sutil dos corpos e, por dedução, das almas”. Diferentemente de Foucault, Lipovetsky, em entrevista concedida a Charles, propõe:

¹² É importante ressaltar que, embora Lipovetsky discorde de Foucault quanto aos elementos marcantes da modernidade, o autor de *A Era do Vazio* deixa claro em suas entrevistas que o tipo de análise que ele faz da sociedade está muito próximo, em termos metodológico-formais, mas não de conteúdo, àquele levado a termo por Foucault em seu tempo. Lipovetsky alega que utiliza um método similar de análise e que se sente muito próximo do estilo foucaultiano de pensar, muito embora suas conclusões o levem a outras respostas. Ambos fazem uma leitura genealógica da sociedade.

A modernidade, na minha opinião, é outra coisa: é esse desprendimento dos indivíduos de seu mundo de pertencimento. O indivíduo vai de par com essa separação, com essa erosão dos mecanismos de controle sobre os indivíduos. (CHARLES, 2006, p. 151).

Em *Os tempos hipermodernos*, Charles apresenta a crítica de Lipovetsky a Foucault, explicitando seu ponto de vista acerca da modernidade através do exemplo da moda: “a própria modernidade não era redutível tão somente ao esquema disciplinar se nos dávamos ao trabalho de encará-la pelo domínio do efêmero por excelência, a moda”, ressalta Charles (LIPOVETSKY; CHARLES, 2011a, p. 17). A moda é um dos elementos, na sociedade moderna, que demonstram a sua não ligação rígida ao universo disciplinar.

No que concerne à análise sobre a modernidade, a maior discrepância entre os pensamentos de Foucault e de Lipovetsky orbita, pois, em torno da questão da autonomia. O foco de Foucault está na questão do poder e da disciplina, tidos como elementos fundamentais para a estruturação da sociedade moderna. De acordo com Lipovetsky, Foucault enxerga a sociedade apenas por um ângulo, o das instituições disciplinares. Já Lipovetsky entende que, com a revolução do consumo e da comunicação na década de 1950, ampliou-se a liberdade de ação. Isso, por sua vez, gerou uma abertura para uma autonomia do indivíduo na sociedade.

Outro pensador com o qual Lipovetsky dialoga é Guy Debord. Interessa-nos, aqui, explicitar sobretudo a leitura crítica que Lipovetsky elabora acerca do pensamento de Guy Debord. Com um pensamento diferente de Lipovetsky, em sua leitura da sociedade moderna, Debord ressalta que a voga da sociedade moderna é o aparecer. Em sua obra *A sociedade do espetáculo*, Debord (1997) apresenta teses críticas acerca do fetichismo da mercadoria e do capitalismo. De acordo com o autor, “toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de *espetáculos*. Tudo o que se era vivido diretamente tornou-se uma representação” (DEBORD, 1997, p. 13). Tal tese afirma que o espetáculo está presente em toda a sociedade e que ele interfere em todos os aspectos da sociedade.

A definição de espetáculo se dá na quarta tese do autor, expressa nos seguintes termos: “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens.” (DEBORD, 1997, p. 14). Para Debord, as relações entre as pessoas não são mais autênticas, e sim de aparências. Ele defende que o caráter representativo, devido ao mundo do capitalismo, tenha ocasionado a perda do livre arbítrio por parte do espectador, tornando-se

fascinado e seduzido pelos enredos que lhe são oferecidos. O sujeito acaba por perder sua capacidade de criticar, pensar e agir.

Lipovetsky critica a teoria de Debord no que diz respeito à maneira como esse último assume que a sociedade do espetáculo é ideológica, no sentido de que a espetacularização seria uma espécie de manipulação das consciências. Por outro lado, Lipovetsky (2005a, p. 2) amplia o pensamento de Debord, quando entende que a sedução conduz à capacidade de aumentar as liberdades de escolha, não sendo uma simples manipulação. Ambos os autores entendem que a sedução e o consumo são elementos característicos da era contemporânea. Todavia, enquanto um vê nisso apenas aspectos negativos, o outro percebe os elementos positivos dessa relação.

Temos dois aspectos relevantes ressaltados por Lipovetsky. Por um lado, a ideia de sedução, no universo do consumo, “não se limita ao espetáculo do acúmulo; mais exatamente, identifica-se com a repetida multiplicação das *escolhas* que torna possível a abundância [...]” (LIPOVETSKY, 2005a, p. 2). Essa ampliação de escolhas possibilita uma liberdade e uma autonomia do indivíduo que consome. Por outro lado, “a sedução é a *destruição fria* do social por um processo de isolamento que se administra não mais pela força bruta ou o enquadramento regulamentar, mas, sim, pelo hedonismo, a informação e a responsabilização” (LIPOVETSKY, 2005a, p. 7).

A modernidade, para Lipovetsky (2005a), tem caráter binário: por um lado, a disciplina, a coerção e a tirania, apontadas por Foucault. Pelo outro lado, a liberdade, o desejo e a compreensão, elementos esses de acordo com a crítica de Lipovetsky desprezados por Foucault, ao analisar a sociedade moderna e pós-moderna. Charles (2006, p. 140), em sua apresentação do pensamento de Lipovetsky, ressalta que essa dualidade da modernidade pode ser percebida, pois a modernidade “glorificou o ideal individualista sem por isso aplicá-lo, sendo impedida disso pelas estruturas familiares, sociais e religiosas”.

Tal relação entre os elementos constituintes da modernidade fez com que o indivíduo não se visse mais sujeito a mecanismos de forte sujeição. “Viver livre e sem pressões, escolher seu modo de existência são os pontos mais significativos no social e no cultural do nosso tempo, pontos de aspiração, do direito mais legítimo aos olhos dos nossos contemporâneos.” (LIPOVESTSKY, 2005a, p. XVIII). Tal proposição não implica necessariamente no fim dos mecanismos de controle, mas em uma adaptação das situações aos interesses dos indivíduos, o que abre caminho para um novo tempo.

Para entendermos o processo que desencadeia e dá vida à personalização no mundo hipermoderno, é importante apontarmos, como aspectos desse processo, o narcisismo, a sedução e o consumismo.

2.3.1 O narcisismo.

Por muito tempo, a regra social fundamentava-se na rigidez, a uniformização. Buscava-se, ao máximo, eliminar as preferências e as expressões singulares, de modo que universalizar e homogeneizar constituíam o ponto crucial da sociedade. Quanto mais comum, melhor. A pós-modernidade marca a queda desses modos de vida legitimados pela tradição.

Hoje em dia vivemos para nós mesmos, sem nos preocuparmos com as nossas tradições e com a nossa posteridade: o sentido histórico foi abandonado, da mesma maneira que os valores e as instituições sociais. (LIPOVETSKY, 2005a, p. 33)

Essa relação de ruptura com as raízes mais profundas da sociedade moderna está ligada à forma como o indivíduo passa a se perceber no meio social. A relação que o indivíduo estabelece com o corpo é interpretada por Lipovetsky como narcísica. Em entrevista a Charles (2006, p. 156), Lipovetsky ressalta que: “quando evoco o narcisismo, remeto, é claro, aos indivíduos obcecados consigo próprios”.

Observando o indivíduo priorizando o próprio eu, na busca de um bem-estar pleno, o autor levanta dois pontos de reflexão sobre o narcisismo. A excessiva psicologização, a busca incessante pelo Eu, traz ao indivíduo angústias. A forma como a mídia apresenta a situação da sociedade em muito contribui para tamanha angústia e insegurança. Desse modo, temos por um lado o narcisismo coletivo:

Quando o futuro parece ameaçador e incerto, resta debruçar-se sobre o presente, que não paramos de proteger, arrumar e reciclar, permanecendo em uma juventude sem fim. Ao mesmo tempo em que coloca o futuro entre parênteses, o sistema procede à “desvalorização do passado”, em razão de sua avidez de soltar-se das tradições e das limitações arcaicas, de instituir uma sociedade sem amarras e sem opacidade; com essa indiferença pelo tempo histórico instala-se o “narcisismo coletivo”, sintoma social da crise generalizada das sociedades burguesas, incapazes de enfrentar o futuro de outro modo, a não ser com desespero. (LIPOVETSKY, 2005a, p. 33).

Tal “crise generalizada” é reflexo de um mecanismo de defesa à total espetacularização e fugacidade das informações. O não se importar, nesse caso, é uma necessidade de se defender da incerteza de um fim próximo. Por outro lado, o narcisismo “foi gerado pela deserção generalizada dos valores e finalidades sociais, ocasionada pelo processo de personalização” (LIPOVETSKY, 2005a, p. 34).

O indivíduo contemporâneo possui um novo tipo de personalidade, uma nova consciência, flutuante e indeterminada. “Narciso não mais se encontra imobilizado diante da sua imagem fixa, aliás, nem mesmo mais imagem tem e nada mais é do que uma busca interminável de Si Mesmo” (LIPOVETSKY, 2005a, p. 37). Como tudo se esvazia emocionalmente por excesso de informação, o Eu se dissolve, abre caminho para uma ética permissiva e hedonista. E por mais que haja possibilidades de encontro, por menos restrições que se tenha, mais o indivíduo se encontra num vazio. A solidão perpetua, há uma imensa dificuldade de se transportar para fora de si próprio, assevera o autor.

O eu se dissolve, isso em benefício do culto ao desejo e à satisfação imediata. A apatia desenvolvida cria uma barreira à religiosidade histórica. O que o Outro irá pensar, o julgamento do Outro diante de si, já não mais importa. “O narcisismo funciona como um agente do processo de personalização” (LIPOVETSKY, 2005a, p. 39).

Neste sentido, é importante ressaltar que Narciso, da tradição poética, se difere profundamente do individualismo, para Lipovetsky. O Narciso dos poemas é um sonhador, já a ideia de narcisismo remete a um indivíduo ativista, que luta e se constrói. O indivíduo narcisista, segundo Lipovetsky (2005a, p. 32-35), vive em busca de se reapropriar das coisas para não se submeter a elas.

2.3.2 A sedução e o consumismo

Espetacularizar: eis o verbo da vez. Um neologismo, sabemos, mas que cai, como uma luva, sobre o que temos a discorrer. Seja na política, seja na instituição religiosa, seja em uma aula, seja na propaganda de um medicamento para dor de cabeça, seja para dar uma notícia, a onda do momento é o espetáculo. Trata-se daquilo que nos seduz, nos prende, e há quem diga que todos buscam “os seus minutinhos de fama”. A sedução nos tendencia ao consumo, não necessariamente o consumo material, mas o simples olhar atento àquela situação ali espetacularizada.

De acordo com Lipovetsky (2005a), coerção, rigidez e atitudes autoritárias reduziram-se significativamente em nossa sociedade. Nesse caminho, há uma amplitude de possibilidades e de escolhas particulares, dando vez à diversidade e à independência. Segundo o autor, a sedução

nada tem a ver com a representação falsa e a alienação das consciências; é ela que dirige o nosso mundo e o remodela de acordo com um *processo*

sistemático de personalização cuja finalidade consiste essencialmente em multiplicar e diversificar a oferta, em oferecer mais para que você possa escolher melhor, em substituir a indução uniforme pela livre escolha, a homogeneidade pela pluralidade, a austeridade pela satisfação dos desejos. (LIPOVESKY, 2005a, p. 3).

Ao criar um ambiente competitivo e de ampla escolha, a sedução conduz o indivíduo a uma era de consumismo. Por um lado, esse momento histórico uniformiza os comportamentos consumistas, estimulando prazeres, desejos e intimidades. Por outro lado, leva o sujeito a um processo de escolha incessante, provoca-o a tomar iniciativas, a criticar, a buscar informações, a melhorar sua saúde, a sair do lugar, ou seja, faz com que esse indivíduo passe a ter responsabilidades e responda por seus atos diante dessas livres escolhas.

A sedução perpassa ainda pela forma como o indivíduo passa a perceber o mundo ao seu redor. A velocidade da mudança, a vastidão de pontos de vista, ao mesmo tempo que emancipa o indivíduo cria uma lógica “que não poupa mais nada e que, assim fazendo, cria uma socialização suave e tolerante, dedicada a personalizar-psicologizar o indivíduo” (LIPOVETSKY, 2005a, p. 5), ou seja, o indivíduo passa a levar em conta a consciência de si mesmo, promovendo a espontaneidade.

De acordo com Lipovetsky (2005a, p. 4), essa sedutora personalização pode ser percebida no meio tecnológico, desde a “magia performática das novas tecnologias” até a promoção “da autonomia individual almejada”. Ela propicia que os indivíduos sejam todos “senhores do seu tempo” (LIPOVETSKY, 2005a, p. 5). Encontra-se refletida na forma de ver o corpo, na medicina, na linguagem, fazendo “uma assepsia não só no vocabulário como também no coração das cidades, nos centros comerciais e na morte” (LIPOVETSKY, 2005a, p. 6). Tudo se suaviza, o que gera consumo.

O consumismo tem sua base na sedução, pois os indivíduos compram coisas, estilos, formas de lazer, tudo ofertado por especialistas. Essa oferta se dá mediante um cardápio de opções, ante o qual os indivíduos conformam-se a algo em detrimento e descarte de outro. E nesse caminho, quanto mais personalizado e mais independente, mais consumo ocorre.

2.3.3 Religião, consumo e construção de sentido na hipermodernidade

A sociedade hipermoderna de consumo aboliu as fronteiras postas pela ideologia, pela Igreja, pelo Estado, pelas diferenças sexuais, e propiciou que o indivíduo seja senhor de sua própria existência.

Tal situação influenciou drasticamente o fenômeno religioso. Temos hoje uma vasta variedade de tendências e fenômenos religiosos. A relação do indivíduo hipermoderno provoca uma fragilidade dos vínculos. Isso, por sua vez, abala a fé da comunidade, facilita o trânsito religioso e abre espaço para novas formas de religião e de culto, atribuindo a todos igual valor, propiciando a cada indivíduo a capacidade de pensar por si próprio e recriar a religião, seja através da bricolagem (HERVIEU-LÉGER, 2005), ou dos sincretismos cada vez mais amplos.

As religiões buscam manter o seu papel de construir um sentido para a existência humana, agora com uma riqueza de possibilidades de se vivenciar tal encontro. O indivíduo hipermoderno está numa fase de experimentação do religioso, seja ele institucionalizado ou não, o que aumenta o desafio das Igrejas estabelecidas, devido à facilidade de trânsito religioso (HERVIEU-LÉGER, 2008).

Os dados do senso do IBGE sobre religião indicam que igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais, com mensagens que enfatizam a interferência de Deus no cotidiano das pessoas, como na questão da busca por um emprego ou na cura de uma enfermidade, tiveram um crescimento considerável na última década recenseada¹³. O indivíduo, motivado por sanar os problemas cotidianamente enfrentados, volta-se para a luz de esperança prometida pela igreja. Não lhe valendo tal luz como solução, de pronto busca uma nova instituição, um novo espaço em busca de algo que possa solucionar as suas demandas.

Com isso, as instituições religiosas passam a ser artigo de consumo. Elas valem-se dos meios de comunicação de massa para propagarem e “venderem” sua imagem. Vendem artigos religiosos, montam *shopping centers* dentro de suas instalações, assim como comercializam os mais diversos produtos de cunho religioso. Criam marcas para vestir os fiéis e disputam avidamente o mercado musical e cinematográfico, usufruindo das mesmas estratégias do mercado de consumo para arrebanhar o maior número de fiéis possível.

Temos dois perfis de oferta religiosa. Por um lado, a religião *à la carte*, montada por uma determinada consciência individual que abarca ideias e desejos variados, com elementos que as várias religiões oferecem. Por outro lado, temos um verdadeiro *self-service*, em que uma extensa variedade de formas e maneiras de pensar e de viver a religião são postos diante de nossos olhos e que, de acordo com nossos interesses e necessidades, vamos nos servindo de seus serviços.

Pode parecer confusa a analogia, mas a lógica é bem simples. Veja-se o exemplo: Se formos a um restaurante *à la carte*, teremos uma série de combinações já prontas no cardápio.

¹³ Esses dados podem ser verificados nas pesquisas realizadas pelos membros do Grupo de Pesquisa Religião e Cultura: ver Leite (2014), Moreira (2014), Almeida e Moura (2014).

Ali escolhemos qual combinação melhor nos atende naquele dia. Já em um *self-service*, nos é oferecida uma variedade de itens isolados, mediante os quais criamos a nossa própria combinação, a partir de nosso desejo e necessidade. Daí a aplicação desses conceitos gastronômicos ao universo religioso, fazendo referência ao tipo de escolha você prefere, a algo já pré-formulado, ou a algo supostamente “novo” que seria construído a partir da combinação de elementos colhidos de muitas religiões. É claro que essa composição religiosa ao modo *self-service* não precisa ser necessariamente ou unicamente sua, você pode compartilhar com aqueles que a consideram interessante e compactuam com as suas ideias. Sobre a ideia de um mercado a modo *self-service*, Lipovetsky reflete que:

Atualmente a bricolagem, a saúde, os conselhos são consumidos, mas na órbita do *self-service*. Não há como se iludir: a lógica do mercado, a especialização e a burocratização das tarefas não vão parar de progredir, mesmo se paralelamente se desenvolvem ilhotas de intervenção criadora, de ajuda mútua e de reciprocidade. (LIPOVETSKY, 2005a, p. 87).

Tal lógica pode ser percebida com nitidez no universo religioso brasileiro. O indivíduo hipermoderno busca na religião um porto seguro comunitário, uma identidade não fixa e volátil. Isso faz com que a religião obedeça às aspirações e aos desejos dos indivíduos.

No contexto atual, os indivíduos carecem de algo que possa lhes dar clareza do sentido de suas existências, há uma busca desenfreada por resposta, por alívio de suas dores. A coexistência de várias religiões e formas diversas de religiosidade na sociedade hipermoderna demonstra que não nos contentamos em viver com padrões religiosos pré-estabelecidos, e que a ciência moderna não foi capaz de explicar os porquês de nosso existir e ser.

CAPÍTULO III: A Igreja Batista da Lagoinha à luz do conceito lipovetskyano de personalização

No primeiro capítulo desta dissertação, apresentamos a Igreja Batista da Lagoinha ressaltando alguns elementos de seus aspectos históricos e pontos importantes que colhemos nos cultos assistidos, os quais constituirão o cerne de nossa análise. Escolhemos dois cultos que foram assistidos via web/TV, e os mesmos foram brevemente descritos, e alguns elementos de análise já previamente apontados.

No segundo capítulo, nos dedicamos a apresentar a teoria de Gilles Lipovetsky. Buscamos apontar os caminhos percorridos pelo autor para a construção de sua teoria, deixando evidenciado, é claro, os elementos que nos ajudarão na análise do nosso objeto de estudo, de modo a levantar a hipótese de a personalização da crença em uma igreja midiática.

No capítulo que se segue, temos como tarefa trazer à tona o confronto entre estudo empírico e teoria. Buscaremos analisar a Igreja Batista da Lagoinha a partir do conceito-chave lipovetskyano de “personalização”, entendendo que aí nessa realidade entendida como religiosa ocorre um processo ao qual nomeamos de personalização da crença.

Para dar continuidade ao nosso empreendimento, pensamos ser necessário recordar, sinteticamente, o que é a personalização, bem como qual a relação deste conceito com a questão da crença.

O processo de personalização advém de uma perspectiva comparativa histórica, em que o senso do novo faz com que o conjunto de setores da vida social se remodele, não necessariamente da mesma maneira. De acordo com Lipovetsky (2005a, p. XVI), “trata-se de uma mutação sociológica global que está em curso, uma criação histórica próxima daquilo que Castoriadis chama de ‘significação imaginária central’, combinação sinérgica de organizações e significados, de ações e valores [...]”. Tal processo traz a sua identidade própria, e não mais a noção da universalidade, para motivar as ações sociais e individuais. Os grupos só se fortalecem tendo em seu seio os interesses individuais. Esse processo está focado nos interesses particulares da vida, em que se tem uma obsessão por si próprio.

Gilles Lipovetsky, em sua pesquisa, não relaciona diretamente o processo de personalização à religião ou à crença. Mas em suas elucidações sobre o assunto, aponta-nos que a personalização se dá em todas as instâncias da sociedade. Neste sentido, cunhamos o termo personalização da crença, a fim de esclarecer a relação do processo de personalização com o universo religioso, em especial, com a Igreja Batista da Lagoinha, que constitui o nosso objeto de estudo. Cumpre-nos, pois, ver como esse processo se dá no âmbito da realidade da Igreja

Batista da Lagoinha, analisada sobretudo sob o ângulo dos dois cultos supramencionados e descritos.

3.1 A personalização da crença na Igreja Batista da Lagoinha: uma prática identitária

Conforme apontamos no primeiro e no segundo capítulos desta dissertação, compreendemos que a religião, assim como todas as instâncias da sociedade, sofrem e se apropriam das mudanças propostas através do tempo. Pensar o universo religioso de maneira engessada, sem qualquer forma de mutação, é impossível. Afinal, este universo é constituído de indivíduos e estes evoluem, mudam, se adaptam no decorrer do tempo.

Desde a modernidade, a religião tem buscado se adaptar à maneira e aos trejeitos da sociedade. Mesmo que fosse de maneira sutil, o universo religioso teve que fazer suas adaptações para que conseguisse perdurar através do tempo. As mutações percebidas na sociedade podem ser notadas desde a década de 1950, onde o mundo vivenciou uma “intensificação jamais vista no tripé que sempre caracterizou a modernidade: o mercado, o indivíduo e a escala técnico-científica” (LIPOVETSKY, 2004b). Com a intensificação destas características da sociedade, a religião também sofre suas modificações, tendo em vista a necessidade de se adaptar às exigências dos indivíduos e da vida cotidiana. Nessa prerrogativa, o indivíduo passa a não ter mais a obrigação de se manter fiel a uma determinada filiação religiosa. O indivíduo busca sua relação com a instituição a partir de seus interesses, buscando aquela que melhor se adequa às suas necessidades, ressalta Paulo Rivera (2010, p. 201) em seus estudos. Tal dinâmica faz com que a religião busque se adequar ao máximo para atender as demandas dos fiéis. Lipovsky observa essa lógica através da seguinte reflexão:

A religião não morre, ela é curto-circuitada pela lógica individualista, ela se privatiza e se psicologiza, cada um guardando da religião e das religiões o que lhe convém, quando lhe convém, como lhe convém. Sem dúvida, a crença religiosa permanece ligada à procura de um sentido transcendente, mas este não tem mais um estatuto radicalmente homogêneo (evidentemente, não falo de um ponto de vista metafísico ou religioso) desde que ele prevaleceu pela labilidade, pelo desconto, pela combinação aleatória das preferências particulares; a busca do absoluto é tão somente, a nível de análise, uma peça suplementar no processo geral de personalização dos indivíduos, que obedecem a essa mesma lógica. (LIPOVETSKY, 1984, p. 77).

Na modernidade, apresentou-se a hipótese da morte da religião. O diagnóstico do fim por muito tempo foi considerado verídico, uma vez que se via o esvaziamento das igrejas; o centro passou a ser o indivíduo. Mas a religião resistiu, se reinventou, se reconsolidou e

encontrou o seu lugar na sociedade moderna e, mais tarde, se fez mais forte na hiperbólica sociedade hipermoderna.

Poderíamos analisar a personalização da crença por diversas perspectivas. Entendemos que, no caso da Igreja Batista da Lagoinha, apreender o lugar a partir do qual falamos em seu aspecto histórico, como fizemos brevemente no primeiro capítulo, e apontar os elementos dos cultos assistidos que nos saltam aos olhos, na perspectiva da personalização, é o caminho mais adequado ao nosso modelo de pesquisa, proposto para apresentar ao leitor o que compreendemos como personalização da crença no universo da Igreja Batista da Lagoinha.

A nossa pesquisa histórica baseia-se em teses, dissertações, artigos e documentos disponíveis online pela instituição. Entendemos que uma pesquisa empírica está para além de ir objetivamente ao campo. E hoje, em um mundo midiático, a web e a TV podem ser entendidas como um rico campo de estudo, uma vez que o campo pesquisado se faz valer desses meios para propagar a sua mensagem.

Neste sentido, já vislumbramos uma primeira forma de personalização da crença por parte da Igreja Batista da Lagoinha. Quando a instituição busca ir além do meio tradicional¹⁴ de propagar o seu culto, - aqui compreendemos o meio tradicional como uma instituição sem fortes manifestações midiáticas - e ela está se adequando à demanda dos fiéis. Nada mais confortável do que assistir ao culto do sofá da sua casa, com todo o conforto. E, para além do conforto, a Igreja também busca atender aos que, por problemas de saúde, ou até mesmo de deslocamento ou financeiro, não podem ir até o templo para assistir ao culto.

A Igreja Batista Lagoinha possui uma vasta diversidade de cultos. Em seu site¹⁵, os cultos podem ser assistidos, escolhidos de acordo com o tema de interesse e/ou pastor-apresentador. Esta vasta diversidade de perfis de culto encontra-se ora direcionada à juventude, ora às mulheres, ora dedicada a uma data comemorativa, ora a algum projeto/congresso/ministério da instituição. Os cultos são transmitidos ao vivo pelo canal *Rede Super de Televisão*, e reprisados no decorrer da programação. Os fautores disponibilizam ainda um canal online¹⁶, além de uma vasta programação alternativa, como “talk shows” e entretenimentos para todas as idades.

¹⁴ Por meio tradicional de culto compreendemos aquele que não tem como foco os recursos de telecomunicação para propagar sua mensagem. Os cultos analisados são todos pensados para o público telespectador, com closes nos ministradores e falas direcionadas para o público de casa.

¹⁵ Para acesso ao Portal Lagoinha, consulte-se o site: <<http://www.lagoinha.com>>.

¹⁶ Para acesso ao canal Rede Super de Televisão online, consulte-se o site: <<http://redesuper.com.br/assista-online/>>.

Destacamos no capítulo 1, no que diz respeito à história da Igreja Batista da Lagoinha, que seu surgimento se dá através de um conflito de interesses, de modo que os líderes da comunidade Batista relegaram a Igreja Batista da Lagoinha ao estatuto de Igreja pentecostal, desvinculando-a de sua pertença à institucionalidade eclesial batista. Este fato evidencia-se, para nós, como um primeiro passo de personalização da instituição. Ora, à medida que os próprios pastores e membros daquela época – no caso, destaque-se sobretudo o pastor José Rêgo do Nascimento –, pioneiros da Igreja Batista da Lagoinha tinham um modo de conduzir os cultos, modo esse que não se restringia à estrita observância do que era preconizado pela própria comunidade eclesial Batista, isso demonstra um sinal evidente que ali estaria a ocorrer uma personalização da crença, bem como da forma de transmiti-la ou anunciá-la aos fiéis, no próprio seio do grupo de liderança.

Gilles Lipovetsky (2006a, p. 151), em entrevista a Charles Sébastien, faz o seguinte comentário acerca da modernidade: “A modernidade, na minha opinião, é outra coisa: é esse despreendimento dos indivíduos de seu mundo de pertencimento. O individualismo vai de par com essa separação, com essa erosão dos mecanismos de controle sobre os indivíduos.” O não se sujeitar a uma determinada organização eclesial imposta há anos e o não querer se encaixar em uma outra categoria eclesial já estruturada, é o modo que a Igreja Batista da Lagoinha encontrou para se adequar aos *modus operandi* da modernidade.

Há ainda outras formas de personalização da crença presentes no seio da instituição em foco. Por exemplo, o processo de personalização da crença atinge o próprio modo de agrupamento dos indivíduos, isto é, a própria maneira de os indivíduos estabelecerem vínculos e laços de pertença sob a tutela e a chancela da Igreja Batista da Lagoinha, a partir de escolhas e opções individuais, e não mais por simples imposição ou força da tradição ou de uma memória coletiva. Vejamos como isso ocorre.

Para Lipovetsky, a sociedade hipermoderna caracteriza-se pela personalização da vida coletiva. Isso significa que as formas de associação estabelecidas pelos indivíduos singulares são correspondentes aos desejos individuais. Por conseguinte, o polo individual tem primazia em relação ao polo coletivo, ou seja, o grupo só tem sentido na medida em que se adequa às necessidades e aos interesses de seus membros, em que os satisfaz ou a eles se dirige de alguma forma.

Neste sentido, vale ressaltar o seguinte questionamento, que está para além do alcance de nossa pesquisa: os indivíduos que se reúnem na Igreja Batista da Lagoinha, constituindo um grupo ou uma comunidade eclesial, de fé, importam-se com causas comuns, com interesses coletivos, ou eles tornam-se membros da Igreja Batista da Lagoinha apenas à medida que a

Igreja atende a seus interesses, necessidades e desejos pessoais? Para responder a tal questionamento, teríamos de nos enveredar pelo caminho de um detalhamento sobre a finalidade da busca pela Igreja, ou seja, sobre o *para quê* os indivíduos dirigem-se à Igreja Batista da Lagoinha, o que exigiria, por sua vez, uma outra forma de pesquisa, com perguntas dirigidas aos participantes e membros da instituição. Muito embora não tenhamos substrato para responder a tal questionamento, nos sentimos provocados a lançá-lo. A teoria de Lipovetsky acerca da personalização caberia muito bem para tratar de tal indagação, uma vez que Lipovetsky sustenta, ao nos apresentar a figura do narciso contemporâneo:

Isso porque o notável no fenômeno [o narcisismo] é, por um lado, a retração dos objetivos universais, se os compararmos à militância ideológica e política de outrora, e, por outro, o desejo de usar entre idênticos, junto aos demais indivíduos que compartilham as mesmas preocupações imediatas e circunscritas. (LIPOVETSKY, 2005a, p. XXIII).

A ênfase no narcisismo, característica marcante da sociedade hipermoderna e do processo de personalização, pode atender muito bem à explicação de um dos *porquês* do modo de ser Batista da Lagoinha. Desde a sua fundação na década de 1950, percebe-se sua notável vocação de atender a grupos específicos, aqueles que naquele período buscavam o novo, queriam reinventar. Muito embora estivessem associados a um determinado grupo, os primeiros dirigentes encontravam-se em busca de alcançar os seus interesses individuais, como “redes situacionais” (LIPOVETSKY, 2005a, p. XXIII).

Neste sentido, vale ainda ressaltar a busca constante pelo crescimento como um dos elementos centrais da Igreja Batista da Lagoinha. Desde a sua fundação, tem-se a ânsia por ampliar. Com o pastoreado de Márcio Valadão, o crescimento focado na quantidade de fiéis passou a ser o carro-chefe da instituição. Para analisar tal situação, podemos partir de dois pontos distintos.

O primeiro deles está relacionado à campanha fomentada pela Igreja na década de 1990, em que o objetivo da época era ganhar 10% da população belo-horizontina. Enxergamos aí um paradoxo, pois, por mais que a identidade da Igreja Batista da Lagoinha fosse a renovação, a liberação das amarras, vê-se uma tentativa de se fazer conceito, única. Evidencia-se aí uma forte característica da hipermodernidade, em que “a autonomia individual aparece cada vez mais nitidamente imposta pelas organizações, mas busca-se também a vida alternativa, a vida aberta a escolhas, até em esquema de *self-service*.” (LIPOVETSKY; CHARLES, 2004a, p. 117).

O segundo ponto está associado à lógica do hiperconsumo. Embora coadunado às práticas religiosas, Lipovetsky aponta que

[...] o espírito de fé não pode ser confundido com o espírito pragmático do consumismo. Mas não é menos verdade que a reafirmação contemporânea do religioso se acha marcada pelos próprios traços que definem o turboconsumidor experiencial: participação temporária, incorporação comunitária livre, comportamentos *à la carte*, primado do maior bem-estar subjetivo e da experiência emocional. Nesse plano, o *Homo religiosus* aparece mais como a continuação do *Homo consumericus* por outros meios que como sua negação. (LIPOVETSKY, 2007a, p. 133).

A demanda por consumo de bens religiosos abre caminho para que “as novas religiosidades”, ao demonstrarem “preocupação com um maior bem-estar pessoal ou com uma felicidade intramundana”, passe a conferir “ao espiritual toda a importância que lhe cabe.” (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 134-135). Analisando os interesses singulares dos indivíduos pela lógica do individualismo narcísico, o poder de escolha e, no que diz respeito à sociedade de consumo, a lei da oferta e da procura, muito bem se encaixam nesse esquema.

Com efeito, quando Lipovetsky (2006a) critica a teoria foucaultiana que, por sua vez, confere um papel fundamental aos mecanismos de controle, ele dá exemplos do casamento, que antes era preordenado pela família, pelo clã, enfim, pelo grupo familiar, e que agora se torna objeto de escolha, fruto de uma deliberação, de uma vontade pessoal, livre e autônoma. Tal situação também pode ser verificada na religião. No capítulo 1 desta dissertação, no qual descrevemos a fala do pastor André Valadão, este alega que, embora seus familiares tenham sido evangélicos, ele não foi obrigado a sê-lo por uma questão da perpetuação da memória e da tradição familiar, mas que tal gesto foi uma escolha dele. O fato de a vida religiosa do pastor ser uma opção dentre outras tantas possíveis, a despeito de toda uma tradição de família, é um exemplo inequívoco de uma personalização da crença, no sentido lipovetskyano do termo personalização. Ou seja, a pertença a uma determinada religião ou comunidade de fé, o vínculo em relação a determinada tradição ou crença religiosa, não se dá por obrigação familiar, por uma “memória coletiva” compartilhada por um grupo, mas se torna questão de escolha, de opção; logo, verifica-se uma personalização na própria medida em que o que vem da tradição passa pelo crivo do indivíduo. Assim, como bem entende Lipovetsky, a tradição ou a memória coletiva, assim como os mecanismos de controle, não deixam de existir. Diz o autor: “de fato o mundo em que estamos vê coabitarem fenômenos de massificação, de padronização, de conformismo e, simultaneamente, fenômenos de individualização”. (LIPOVETSKY, 2006a, p. 157). Entretanto, o que vem dessas instâncias – tradicionais, padronizadas, massificadas e disciplinares – e que é dirigido e imposto aos indivíduos, passa pelo filtro individual, ou seja, não é assimilado sem autonomia, numa pura situação de heteronomia (lei vinda de fora), mas é

o indivíduo mesmo que postula e engendra as próprias leis, que “filtra” e “remodela” o que lhe é transmitido pela memória coletiva, pela tradição e pelos mecanismos disciplinares. “As normas continuam a existir”, ressalta Lipovetsky (2006a, p. 157), “mas os indivíduos se reapropriam delas em função de uma subjetividade”.

Por conseguinte, a reapropriação das normas abre possibilidades. O discurso é uma maneira de demonstrar esta ressignificação, uma vez que a personalização é permeada pelo ideal narcísico. “Tudo deve ser psicologizado, dito na primeira pessoa: é preciso implicar a si mesmo, revelar suas próprias motivações, liberar sua personalidade e suas emoções sempre que possível” (LIPOVESTKY, 2005a, p. 45). Neste contexto, podemos tomar como exemplo o discurso do pastor André Valadão. Sua mensagem é fluida, variável, de acordo com o que se quer deixar como impressão aos fiéis. Isso fica ainda mais explícito quando analisamos, a título de comparação, a maneira como se dá o discurso religioso no culto do Pastor André Valadão em discrepância ao discurso mais coercitivo do pastor Flávio Marques. São mensagens distintas: o primeiro apresenta uma mensagem mais fluida, mais sujeita a reapropriações e reflexões por parte do fiel. Já o segundo apresenta uma mensagem coercitiva, de retorno para a religião, de uma obrigação para com a instituição.

A maneira como a instituição se inventa e se reinventa no universo religioso, e isso desde a sua concepção com o pastor José Nascimento, é atribuída, por pesquisadores como Nina Rosas (2009), Reinaldo Pereira (2011), como uma das características típicas das igrejas carismáticas, como uma maneira de reinvenção, em suas “idas e vindas”. Mas em nossa análise, a Igreja Batista da Lagoinha está para além de apresentar um caráter carismático. Antes, ela respalda suas mudanças de acordo com a onda que move o mar religioso contemporâneo. Suas reinvenções estão mais na direção de se manter grande e tornar-se cada vez maior do que pelo simples caráter carismático dotado em seus primórdios com o boom pentecostal da época.

Neste mesmo direcionamento, vale ressaltar aqui a exposição do texto bíblico no decorrer do culto. Percebemos, de certo modo, uma reapropriação particular e personificada da mensagem dos textos bíblicos, dos costumes, das leis e normas morais difundidas pela Igreja. Isso nos conduz às palavras de Lipovetsky: “Por trás dessa aparência exerce-se a vontade dos indivíduos que procuram se reapropriar das coisas para não se submeter a elas” (LIPOVETSKY, 2006a, p. 156). Tanto os indivíduos quanto a instituição, cada um a sua maneira, buscam alternativas de esgueirar dos ordenamentos religiosos e de rejeitar os discursos autoritários, “deixando de se guiar pelas autoridades oficiais, as concepções religiosas se desestruturam; tornam-se mais fluídas, pautadas pelos *self-service* e pela diversidade dos elos de ligação” (LIPOVETSKY, 2005c, p.131). Tal fluidez é uma das principais características

identitárias da Igreja Batista da Lagoinha, de acordo com a tese do professor Reinaldo Pereira. Segundo ele, “organizações religiosas que adotam este posicionamento não apenas se identificam com a cultura contemporânea, mas desenvolvem uma identidade fluída, variável e em constante movimento, como é o caso da IBL.” (PEREIRA, 2011, p. 140).

Na *performance* dos pastores ou dos “ministros adoradores”, a mescla de música, pregação e mensagem bíblica, é revestida por um tom de emoção e de profunda devoção. Tal situação oportuniza a que, além dos pastores, os fiéis, ali antes espectadores, tornem-se protagonistas da ação ali em ocorrência. Ora, há um processo de autonomização ou, nos termos de Lipovetsky (2006a, p. 153), uma “capacidade de os indivíduos chegarem ao governo de si próprios”. É possível, a partir de tal situação, enxergar uma liberdade de recomposição da fé no interior da Igreja.

Há, de certo modo – é importante ressaltar aqui a ausência de juízo de valor para tal apreciação –, uma apropriação dos textos bíblicos, para falar às situações hodiernas pelas quais passam os indivíduos. Há uma exegese personalizada das Escrituras Sagradas, sem que se leve em conta, ou ao menos sejam minimizados os aspectos contextuais e históricos do texto sagrado, ante as realidades individuais e hodiernas dos indivíduos que ali frequentam, buscando soluções para seus conflitos, desejos e necessidades.

O discurso proferido pelos pastores da Igreja Batista da Lagoinha está além do carisma e do emocionalismo. Ao mesmo tempo que o discurso é institucional, tem um ar de desinstitucionalização, pois é carregado de individualismo, de emocionalismo da crença e das práticas. Abre caminhos ao fiel para que esse possa, por si só, construir a sua interpretação.

Tal situação fica evidente quando associamos os textos bíblicos utilizados nos cultos assistidos com o tema dos cultos. O primeiro culto, ministrado por André Valadão, apresentava como tema a frase: “endireitando a vida”. Toda a pregação foi voltada para tal mensagem; os textos bíblicos escolhidos tratavam do assunto, bem como todo o sermão ali apresentado. A situação também ocorre no culto ministrado pelo pastor Flávio Marques, em que a frase tema era “Quem é você?”. É possível perceber, nos dois casos, que a evocação de todo o contexto da passagem bíblica não objetiva senão personalizar o texto sagrado à realidade dos presentes. Neste sentido, há uma personalização da crença inclusive no modo de interpretar as Escrituras Sagradas, que visa não a um esclarecimento do texto bíblico em seu contexto histórico, mas que procura, antes, estabelecer uma hermenêutica que se coaduna às realidades pessoais dos indivíduos que frequentam a Igreja. Há, pois, um processo de personalização inclusive no âmbito da linguagem religiosa, ou seja, do discurso religioso empregado, com vistas a atingir

os fiéis naquilo mesmo que eles têm de mais pessoal e privado, isto é, em suas questões, nos seus interesses, necessidades e desejos particulares.

3.2 O espetáculo da personalização

Espetáculo e moda são termos que em um primeiro momento podem parecer inapropriados para tratar do universo religioso. Se acrescentarmos a palavra sedução, aparenta tornar-se mais impróprio ainda. Mas os três conceitos supracitados são cada dia mais comuns no universo religioso hipermoderno. Lipovetsky, na obra *O Império do efêmero* (2009a), afirma que o princípio-moda se estende hoje a toda a vida coletiva, tornando-se a sua “pedra-angular”, ou seja, o alicerce ou a pedra fundamental sobre a qual as vivências coletivas, grupais, comunitárias, têm se edificado. Ele afirma, pois, que o mesmo princípio que rege a lógica da moda atravessa a todas as esferas da sociedade de consumo, o que nos conduz a pensar que ela também penetra e invade inclusive o âmbito religioso, ou seja, que ela por aí também se alastra. De fato, Lipovetsky (2006a) afirma que a totalidade da sociedade se reestrutura segundo a lógica da moda, que se constitui, por sua vez, sob o signo da sedução, da renovação permanente e da diferenciação marginal. Estas constituem, por sua vez, as três características sobre as quais se assenta a lógica da moda que se alastra, aos olhos lipovetskyanos, por todos os meandros da sociedade. Ora, se assim é, a realidade religiosa também é penetrada por tal lógica, é regida por esse princípio-moda. Convém, pois, analisar a realidade religiosa da Igreja Batista da Lagoinha a partir de cada um dos três aspectos supramencionados, a fim de verificar se ela também se encontra influenciada pelo “princípio-moda”.

Se partirmos do princípio da sedução em nossa análise, alguns elementos podem ser evidenciados tanto no aspecto histórico da Igreja Batista da Lagoinha quanto nos cultos descritos por nós no primeiro capítulo desta dissertação.

No que diz respeito ao espaço físico, a Igreja Batista da Lagoinha é um exemplo de inovação e sedução. Pereira (2011) destaca, em sua tese, o aspecto peculiar do formato do templo, comparando-a a um ginásio poliesportivo. Admitimos que achamos um tanto curiosa a estrutura arquitetônica do espaço. Provoca-nos a apontar tal elemento supracitado como um aspecto sedutor da Igreja Batista da Lagoinha. Neste sentido, vale ressaltar a fala de Lipovetsky, que afirma: “A sedução remete ao nosso universo de gamas opcionais, das nuances exóticas, da ambiência psicológica, musical e informativa, no qual cada um tem o prazer de compor à vontade os elementos da sua existência”. (LIPOVETSKY, 2005a, p. 3).

O templo da Igreja Batista da Lagoinha oferece a seus fiéis uma gama de opções de cultos e de atividades, tanto em seu templo principal quanto nos salões secundários. Apresenta nuances peculiares em sua estrutura arquitetônica, geralmente não visualizadas em outras igrejas espalhadas pela cidade. Por fim, seus cultos têm um caráter emocional, festivo e plural. Tais constatações nos conduzem a compreender o crescimento da instituição, quanto ao número de seus membros, bem como a busca dos membros em demonstrar que fazem parte daquele universo. Não é difícil ver, no painel de carros pela cidade ou mesmo em camisetas, estampas com a logomarca da Igreja. A pertença a este *locus*, o gesto de demonstrar que se pertence a esse grupo, ao mesmo tempo é um marketing e uma forma de se mostrar único, singular dentre tantos universos religiosos. Isso se coaduna ao que diz Lipovetsky (2000, p. 7), ao afirmar que “há também, na atualidade, um retorno da religião, uma preocupação com a identidade, com o reconhecimento e a valorização de si, com a aceitação do outro”.

Um outro exemplo dessa pessoalidade e dessa subjetividade no modo de ser pertencente à Igreja Batista da Lagoinha é a publicação de um anúncio na Revista Atos Hoje, em seu número de setembro de 2016, na sua última página, conclamando os leitores à retirada da nova carteirinha de membro:

Cada membro da igreja possui um número de membro, assim como nosso pastor. Entretanto, somos membros de uma família em crescimento, pois o Senhor Jesus acrescenta dia a dia os que são salvos. [...]. Sua nova carteirinha chegará em sua casa junto a uma carta dos nossos pastores Márcio e André Valadão e a lista de endereços de todas as Lagoinhas. Acreditamos que sempre existe uma Lagoinha perto da sua casa. (ATOS HOJE, 2016, p. 24).

A sedução a que nos atemos não está no sentido negativo do termo, mas, sim, em exaltar o que esse conceito implica de significado para a sociedade hodierna, em conformidade com o que diz a teoria de Lipovetsky.

A sedução nada tem a ver com a representação falsa e a alienação das consciências; é ela que dirige o nosso mundo e o remodela de acordo com um *processo sistemático de personalização* cuja finalidade consiste essencialmente em multiplicar e diversificar a oferta, em oferecer mais para que você possa escolher melhor, em substituir a indução uniforme pela livre escolha, a homogeneidade pela pluralidade, a austeridade pela satisfação dos desejos. (LIPOVETSKY, 2005a, p. 3).

Com base na teoria de Guy Debord, a lógica da sedução, no crescimento da Igreja Batista da Lagoinha, poderia ser interpretada como uma maneira de alienação, de manipulação. Mas, ao contrário, optamos por enxergá-la sob as lentes de Lipovetsky (2000). Isso significa que, muito embora a autonomia dos grupos não seja necessariamente absoluta, ela abre caminho

para uma adoção conveniente de cada um, sem obrigação e com maleabilidade. Nas palavras do filósofo, “o consumidor seduzido pela publicidade não é um enganado, mas um encantado” (LIPOVETSKY, 2000, p. 9). O fiel encanta-se com tamanha atenção e cuidado. Em se tratando da carteirinha, ele, o fiel, ainda possui uma prova personalizada de que faz parte daquele grupo.

A título de mensurar o real crescimento da Igreja Batista da Lagoinha, comparamos os dados disponibilizados na revista *Atos Hoje*, de 18 de setembro de 2016, em cujas páginas se apresentam os dizeres: “Aleluia! Pela graça do Senhor hoje somos 71.630 ovelhas na Lagoinha” (ATOS HOJE, 2016, p. 4), com os do Slogan da meta lançada na década de 1990, a de alcançar 10% da população de Belo Horizonte: “Não saía da visão 10% de Belo Horizonte”. Na revista publicada em 16 de julho de 2017 constam os mesmos dizeres, mas o número muda; nesta data foram mensurados 78.031 membros. Vale ressaltar que esse número se destina aos membros cadastrados, isto é, àqueles que vão esporadicamente para conhecer e não computam uma adesão formal ao grupo, ou seja, não são contabilizados.

Partindo desse universo numeroso de indivíduos seduzidos, é importante ressaltar que esse movimento está para além do espaço físico. Não nos esqueçamos dos pastores em seus modos próprios de vestir¹⁷ e de falar, os quais ressaltamos em nosso primeiro capítulo. Tal elemento abre-nos a um outro aspecto da sedução. A moda por muito tempo foi tirana e excludente. Atualmente, ela está pautada na diversificação de modelos e na despretensão hegemônica. Lipovetsky (2000, p. 8) ressalta que “o novo, enquanto fenômeno da modernidade, segue a mesma lógica da moda: produz maior autonomia em relação aos modelos. A moda, claro, cria modelos, mas eles não são imperativos. Pode-se negociar com eles, ressignificá-los ou simplesmente ignorá-los”. Tal ressignificação pode ser verificada na vestimenta casual dos pastores a partir dos cultos analisados, bem como na maneira de propagar a mensagem que estes utilizam. Há a liberação da “racionalidade argumentativa”, na qual se era obrigado a se adequar à organização do produto – em nosso caso, o discurso e postura identitária religiosa –, passando-se a um caminho mais puro e criativo, “longe do culto da objetividade das coisas”. Mas entendemos que tal liberdade está para além da liberdade e da autonomia acarretada pela modernidade acrescida do imperativo da moda. Enxergamos aí um veio de comunicação de interação entre o público pretendido e o anunciador da mensagem.

¹⁷ Aqui podemos apontar tamanha distinção ao assistir um culto presidido pelo pastor Márcio Valadão, sempre com vestes formais, linguagem mais voltada para um perfil de público tradicional. Até mesmo os horários dos cultos do pastor Márcio são sugestivos ao perfil de público que este busca atingir, geralmente seus cultos são no horário da manhã e composto por um público que varia de adulto a idosos. Nosso trabalho não se dedica a analisar os cultos do pastor acima descrito, mas compreendemos ser importante tal apontamento.

Segundo Lipovetsky (2005a, p. 4), “por trás da especificidade desses dispositivos, delinea-se uma mesma tendência que define o processo de personalização: reduzir a rigidez das organizações, substituir os modelos uniformes e pesados por dispositivos flexíveis, privilegiar a comunicação em relação à coerção”. É possível considerar, à luz das considerações aqui trazidas, que a substituição de um modelo uniforme no universo religioso, tanto de linguagem quanto de vestimenta, tal como pensada por Lipovetsky (2005a), visa privilegiar a comunicação, em especial no que se refere ao caso da Igreja Batista da Lagoinha.

Por outro lado, a perspectiva da renovação permanente também pode ser identificada na história da Igreja Batista da Lagoinha. Esta Igreja não se cansa de renovar, tanto em termos de infraestrutura quanto em termos de superestrutura (ideias, pensamentos, formas de atingir os fiéis). Essa renovação vai desde a tecnicização de acesso aos textos sagrados ao uso da bíblia online¹⁸, pelos fiéis, durante o culto; passa, também, pela reestruturação do universo musical sacro, de início com o Ministério Diante do Trono, pela variedade de produtos e bens religiosos disponibilizados pela Igreja mediante a Seara Livraria, pela comunicação dos fiéis com a instituição através de aplicativos de mensagem, como o WhatsApp, através da revista Atos Hoje, disponibilizada no site da instituição nos idiomas português, inglês, espanhol, francês e mandarim; todos esses são exemplos da busca pela renovação permanente que orienta a Igreja Batista da Lagoinha.

A Igreja Batista da Lagoinha não deixa de lado o foco em ampliar e renovar a sua oferta religiosa. Tal direcionamento faz com que a instituição vise sempre se reformular e se reestruturar de acordo com as leis do consumo, da oferta e da procura: eis o jogo de molas que impulsionam a empreitada religiosa atual. “Tanto a oferta como a procura são estruturadas por lutas de concorrência relativamente autônomas, mas estritamente homólogas, que fazem com que os produtos encontrem em cada momento seu consumo adequado”, assevera Lipovetsky (2009a, p. 210). Neste sentido, não nos cabe aqui enumerar os concorrentes da Igreja Batista da Lagoinha, mas vale ressaltar que sua incessante busca por renovação se justifica com base em tal afirmativa.

No que se refere ao consumidor, observa-se nos tempos atuais o desejo de consumir muito mais relacionado ao prazer do que à busca de se posicionar socialmente, o que faz com que o consumo seja mais volátil e imprevisível, ou seja, um hiperconsumo. Tal mudança na postura dos indivíduos faz com que as instituições se valham de estratégias emocionalistas e voltadas a interesses particulares. Esse hiperconsumo, ressalta Cruz,

¹⁸ Para acessar a Bíblia online, convém acessar: <<http://www.lagoinha.com/biblia-online/>>.

marca o momento em que se enfraquecem as motivações ligadas aos desafios, a competição com o outro ou a demonstração de *status*. Um consumo baseado nas necessidades básicas tenderia a enfraquecer a motivação para consumir quando as mesmas fossem atingidas. Da mesma maneira, ao conquistar a diferenciação social pelos bens adquiridos, a motivação para consumir com esse fim diminuiria. Mas uma situação diferente é percebida quando a necessidade de satisfazer são os aspectos mais subjetivos e emocionais, uma necessidade desse tipo tem menos probabilidade de ter enfraquecida sua motivação, pois está ligada à busca do prazer e felicidade ou ao alívio do sofrimento emocional. (CRUZ, 2015, p. 57).

A inegável lei da oferta e da procura faz com que a religião de certo modo se sujeite ao imperativo das leis de consumo. Tal sujeição pode ser observada na adequação de *hits* profanos ao universo sagrado, no que diz respeito às alegorias do mundo *gospel*, o que pode ser entendido como um forte fenômeno religioso de mercado (CUNHA, 2007). Um outro exemplo refere-se à própria adequação aos variados meios de comunicação, como a TV e a internet. Nesse sentido, cabe recuperar a hipótese de Lipovetsky (2004c), a de que vivemos “em uma cultura paradoxal”. Considerando-se o consumo, temos dois pontos. Por um lado, poderíamos pensar o consumo a partir das seguintes características: “a uniformização dos modos de vida, a globalização econômica, a hegemonia de certas marcas e a massificação” (LIPOVETSKY, 2000, p.11), o que corresponderia ao lado negativo do consumo. Por outro lado, o positivo, temos “a liberação em relação à tradição, às instituições, à Igreja, ao sagrado, etc., com o consequente aumento da autonomia individual”. No que diz à perspectiva de análise a ser exercida, consideremos, todavia, não a que se refere ao consumo a partir de uma abordagem boa ou má, certa ou errada. A sociedade do consumo, do hiperconsumo, está aí, está posta. E de certa maneira o indivíduo hipermoderno, com a sua autonomia de escolha, faz o caminho que melhor lhe convém.

A dinâmica do consumo desencadeia, por sua vez, a lógica da diferenciação permanente. “Eles não fazem mais do que personalizar ao extremo a lógica do consumismo”, diz Lipovetsky (2005a, p. 87). A lógica é simples: o novo sobrepõe-se continuamente ao tradicional, acarretando um verdadeiro *self-service* de opções. Tal analogia pode ser verificada no vasto universo de produtos oferecidos pela Igreja Batista da Lagoinha. A diferenciação de cultos e eventos, cada qual destinado a um tipo específico de público ou “cliente”, a diversificação dos modelos de transmissão da mensagem (programas de rádio, TV), dos shows, dos encontros nas várias “filiais”, por um lado busca atender ao mais amplo público possível; por outro, age personalizando, fazendo com que cada um sinta-se único.

Ao analisar a lógica da diversidade de serviços prestados pela Igreja Batista da Lagoinha, Pereira associa tamanha diversificação ao termo “*fast food*”. Esse autor afirma que

“esse vocábulo remete-os ainda à ideia de igrejas que se constituem, ora em rede, ou em franquias, tal como as cantinas, restaurantes, lanchonetes e pizzarias, e que são especialistas em oferecer produtos para as necessidades imediatas e para o consumo rápido.” (PEREIRA, 2011, p. 306). À luz das considerações supramencionadas, percebemos tal semelhança com a realidade da Igreja Batista da Lagoinha.

Cabe-nos, por fim, dirigirmos agora a nossa atenção e o foco de nossa análise à questão da relação entre religião e consumo, considerando a imbricação entre esses dois polos como uma das possíveis faces do processo de personalização da crença.

3.3 A relação entre religião e consumo na cultura hipermoderna: uma outra face da personalização

O processo de personalização tem por efeito o esvaziamento da esfera religiosa – institucional - da sociedade. Mas, ao mesmo tempo, temos um retorno à religião, contudo a religião não retorna tal como era antes, ela hoje trilha novos itinerários, a própria ideia de personalização da crença, seria uma evidência disso. Trata-se de um paradoxo: por mais que se neguem ou que se esvaziem os espaços religiosos institucionais de um lado, mais manifestações religiosas surgem do outro. Essa é a lógica da hipermodernidade, a de um eterno paradoxo.

O interessante nisso, ressalta Lipovetsky, é que a religião deixou se levar pela lógica da personalização. Assevera o autor:

A gente acredita, mas de certa maneira, aceitando tal dogma e eliminando outro, misturando o Evangelho com o Corão, o zen ou o budismo; a espiritualidade se colocou na caleidoscópica do supermercado e do sirva-se-você-mesmo. O *turn-over*, a desestabilização investiu no sagrado da mesma maneira que no trabalho ou na moda: por algum momento um indivíduo é cristão, por alguns meses, budista, e, por alguns anos, discípulo de Krishna ou do Maharaj Ji. (LIPOVESTKY, 2005a, p. 95).

Ainda que tal diagnóstico possa parecer distante, a lógica personalista e mercadológica de nossa sociedade caminha a passos apressados para tal situação. Os novos movimentos religiosos reiteram a lógica do hiperindividualismo. As constantes experiências de frustração e de decepção vivenciadas pelos indivíduos conduzem à busca por uma resposta rápida e eficaz a essas experiências. “A pós-modernidade é a imanência individual em um mundo sem transcendência nenhuma, a não ser a transcendência, ilusória, do ego”, aponta Charles (2006, p. 141-142), em sua reflexão sobre a obra de Lipovetsky.

Neste sentido, vale nos questionar no que diz respeito ao jogo religião e consumo, e como esses elementos se coadunam na sociedade hipermoderna. A resposta perpassa pelo processo de personalização. Apontamos anteriormente, neste mesmo capítulo, o que compreendemos como o processo de personalização dentro de uma igreja midiaticizada, a Igreja Batista da Lagoinha. Compreendemos que tenha ficado claro, até certo ponto, que religião e consumo relacionam-se de maneira fluida.

Com efeito, a sociedade de consumo é revestida de carências e desejos, se expõe a ser seduzida e seduz. A religião, por sua vez, não foge a esse modelo. Preocupações com a moral e com a ética também se coadunam a tal imperativo. A chamada era pós-moralista tem o individualismo consumado. Mas, por mais que imperem o egoísmo e a indiferença social, a ânsia por generosidade, por ações benéficas, fica mais evidente do que nunca na atualidade.

O indivíduo hipermoderno não consome apenas bem materiais. A religião, a espiritualidade e o bem-estar também são desejados por estes sujeitos. Nas palavras de Lipovetsky (2007a), o hiperconsumo é fase em que as arestas do mundo do consumo se alargam, tornam-se mais fluidas. Não há mais a necessidade de acesso financeiro, não há mais a preocupação de almejar um *status* social. Consome-se sem culpa, sem medo. O anseio por corresponder às suas particularidades, a seus desejos mais íntimos, se torna cada vez mais acessível.

Tal demanda abre prerrogativa às grandes marcas, às grandes instituições, com suas *logomarcas* e propagandas cada vez mais sedutoras. A cada dia, mais se faz necessário oferecer produtos e serviços que legitimem a singularidade, a personalidade de cada indivíduo. Quanto mais possibilidade de pessoal, de privado, tanto mais tocante, comovente, bem como maior o público abarcado.

No livro *A felicidade paradoxal*, Lipovetsky volta seu olhar para a sociedade de consumo, ou melhor, de hiperconsumo, tal como ele a denomina. O autor aponta que um consumo com foco no *status* social, no intuito de ostentar, não mais define o indivíduo na sociedade hipermoderna. Não cabe mais um posicionamento hierárquico com base no consumo, na ideia do ter. Na fase do hiperconsumo impera o bem-estar emocional, o lazer, a saúde, a felicidade no seu foro mais íntimo.

Mas, muito embora o indivíduo aparente estar liberto das amarras do *status* almejado pela marca, o mesmo se deixa levar pelo apego às marcas e às imagens que elas dispõem. Tem-se um paradoxo. De acordo com Lipovetsky, “na medida em que o consumidor se mostra menos obcecado pela imagem que oferece ao outro, suas decisões de compra são mais dependentes da dimensão imaginária das marcas” (LIPOVETSKY, 2007a, p. 43).

A mesma lógica supramencionada também se aplica ao campo religioso. Neste sentido, a consideração de Lipovetsky acerca da publicidade cabe muito bem à leitura da personalização na Igreja Batista da Lagoinha. O autor aponta que:

De fato, a publicidade passou de uma comunicação construída em torno do produto e de seus benefícios funcionais a campanhas que difundem valores e uma visão que enfatiza o espetacular, a emoção, o sentido não literal, de todo modo significantes que ultrapassam a realidade objetiva dos produtos. (LIPOVETSKY, 2007a, p. 46).

A maneira de comunicar da Igreja Batista da Lagoinha coaduna-se aos pressupostos apresentados por Lipovetsky acerca da publicidade. Muito embora não seja um produto ofertado, o consumo de bens e de serviços religiosos está em alta. Trata-se de uma resignificação da religião, agora organizada pela lógica da sociedade de consumo.

Em sua pesquisa a respeito da Ética e da Religião em Gilles Lipovetsky, Costa (2012) ressalta o caráter religioso do consumo, associando-o a um tipo de religião secularizada. Aponta ainda a relação que a religião vem estabelecendo com o consumo. Muito embora o autor ressalte a relação entre religião e consumo, compreendemos que essa relação se dá para além dos mecanismos do mundo do consumo em que os produtos religiosos são o cerne do mercado. Entendemos que a religião também é tratada como um produto e são utilizadas as estratégias de marketing do mundo do mercado. A dinâmica entre fiel e instituição religiosa é complexa, não bastando apenas os bens religiosos, mas é necessário oferecer mais, sejam serviços ou as mais diversas experiências com o “sagrado”.

Partindo da linha de pensamento de Lipovetsky (2007a, 132), “hoje, mesmo a espiritualidade funciona em autosserviço, na expressão das emoções e dos sentimentos, nas buscas animadas pela preocupação com o maior bem-estar pessoal”. A diversidade de cultos, de atividades, a presença no campo musical, a livraria, os diversos canais de contato – presencial, online, televisivo –, no que se refere à Igreja Batista da Lagoinha, tudo isso demonstra, a nosso ver, essa plasticidade nos serviços ofertados, bem como a maneira personalizada com que cada fiel poderá ali encontrar o que de mais único ele busca. Tal dinâmica retrata esse modelo de espiritualidade com vistas a um mercado de consumo.

Com essa possibilidade de autonomia já imersa no comportamento dos indivíduos e agora validada pela instituição religiosa – instituição essa que era responsável por ordenar e disciplinar os indivíduos para um bom convívio em sociedade –, gera-se no sujeito a ideia de que ele é autônomo e capaz de escolher todos os seus caminhos, de acordo com seus desejos mais individualizados. Contudo, temos o outro lado da moeda: ao mesmo tempo que a lógica

do consumo e do mercado impera, em que tudo está exposto tal qual um cardápio, há também o peso da autonomia, por parte da instituição, de criar um esquema *self-service* ou *à la carte*. A instituição tem também a escolha de personalizar e guiar de acordo com a mensagem a qual busca propagar, e com base naquilo que o público almeja alcançar.

Tal modelo estratégico de personalização fica claro para nós na análise dos dados. Por um lado, por mais que o fiel busque um modelo de religião que lhe atenda em seu foro mais íntimo, por outro lado temos também os interesses por parte da instituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que torna o pensamento de Lipovetsky único é a maneira como o referido autor analisa as situações hodiernas, levando em consideração não apenas uma face da situação, e sim a paradoxalidade de nosso mundo.

Para o campo das Ciências da Religião é necessário realizar uma análise interdisciplinar da realidade religiosa em questão, considerando a experiência de quem vivencia o fenômeno, por um lado, e os impactos que este fenômeno impele a sociedade, pelo outro. A análise de Lipovetsky sobre a sociedade atual caminha nessa perceptiva, procurando também sublinhar os aspectos subjetivos das transformações pelas quais passa a sociedade moderna e hipermoderna.

No desenvolvimento de nosso trabalho tivemos uma especial consideração em contemplar os paradoxos do universo religioso pesquisado, buscando não emitir juízos de valor sobre as informações coletadas.

No primeiro capítulo, nos dedicamos a apresentar ao leitor “o mundo” Igreja Batista da Lagoinha. Partimos dos seus aspectos históricos, desde a sua fundação, para a apreciação de dois cultos televisionados pela Rede Super de Televisão. Nesses cultos, buscamos apresentar elementos que, segundo a nossa perspectiva, servem como demonstração do que vem a ser o processo de personalização.

Em nosso segundo capítulo, apresentamos o referencial teórico. Partimos da construção de alguns modelos teóricos relevantes na carreira de Gilles Lipovetsky, como a hipermodernidade, para apresentar o conceito-chave a permear a nossa análise, o de personalização. Nesse percurso, nos dedicamos a esclarecer a construção do modelo teórico da hipermodernidade, a fim de evidenciar a sua relevância para o entendimento dos outros conceitos desenvolvidos pelo autor. É importante ressaltar aqui a dificuldade de se trabalhar com um autor ainda em processo de produção, pois às vezes nos perdemos em suas reformulações de conceitos antigos e nas formulações de novos conceitos ou de novos modelos teóricos. Como Lipovetsky trata das situações mais comuns de nosso dia a dia, situações essas em constante reformulação, e nesse mesmo passo caminham as reflexões do autor, reformuladas e repensadas cotidianamente.

Já no terceiro capítulo, tentamos fazer os apontamentos a respeito do campo à luz da teoria de Lipovetsky; mais precisamente, no que diz respeito à personalização da crença. Buscamos, neste capítulo, demonstrar as várias formas de personalização que ocorrem dentro da Igreja Batista da Lagoinha, desde a esfera do discurso, da forma de vestir, das estratégias de

crescimento, da relação com o universo midiático, da dinâmica entre religião e mercado de consumo.

Neste percurso, chegamos a algumas respostas. Entendemos ter evidenciado a nossa hipótese de que a personalização pode sim influenciar no modelo de religião atual e de quais maneiras uma igreja midiaticizada pode evidenciar as características do processo de personalização. Primeiramente, pudemos perceber que algumas formas eclesiais contemporâneas, como a Igreja Batista da Lagoinha, demonstram passar por um processo de personalização em todos os seus aspectos, que ela, conforme demonstramos em nossa pesquisa, personaliza-se em todas as suas instâncias, a fim de atingir o seu maior objetivo, que é o de alcançar 10% da população de Belo Horizonte. Posteriormente, pudemos apontar de que maneiras esse processo de personalização ocorre.

No desenvolvimento do trabalho percebemos várias possibilidades de caminhos a seguir. Foi difícil manter o foco! Neste sentido, é importante apontar aqui as possibilidades de novas pesquisas. No próprio decorrer do texto já assinalamos algumas possibilidades, mas há outras, tais como a questão do espetáculo dos cultos televisivos, considerando-se a crítica que Lipovetsky (2005a) faz à teoria de Guy Debord; a relação entre disciplina e autonomia, relacionando Foucault e Lipovetsky; a moda dentro da Igreja, segundo a perspectiva de Lipovetsky; caberia, ainda, uma investigação a respeito do que os fiéis buscam na Igreja Batista da Lagoinha, bem como uma pesquisa sobre a problemática da fluidez concernente às relações institucionais, dentre outras.

Enfim, pudemos constatar que o processo de personalização, tal como teorizado por Lipovetsky, pode influenciar algumas Igrejas em muitos dos seus aspectos. Além disso, no que se refere à Igreja Batista da Lagoinha, pudemos perceber que a personalização é um elemento importante para a manutenção de seus princípios e de suas estratégias, utilizadas para se manter perene na cultura hipermoderna e, também, para atingir cada vez mais um maior número de pessoas e, assim, angariar novos membros.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Tatiane Aparecida; MOURA, Cassiana Matos de. **A secularização na contemporaneidade**: um estudo sobre a perspectiva de Danièle Hervieu-Léger. 2014. Trabalho (Conclusão do curso de Pedagogia com aprofundamento em Ensino Religioso) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Departamento de Ciências Humanas, Belo Horizonte.
- ATOS HOJE. Belo Horizonte, ano 50, n. 38. 18 set. 2016. Disponível em: <<http://lagoinha.com/lagoinha-wp-site/wp-content/uploads/2016/09/AHED38.pdf>> Acesso em 20/01/2017.
- ATOS HOJE. Belo Horizonte, ano 51, n. 28. 16 jul. 2017. Disponível em: <<http://lagoinha.com/lagoinha-wp-site/wp-content/uploads/2017/07/AHED28.pdf>> Acesso em 20/07/2017.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BRITO, Wallace da Costa. Os conceitos pós-modernidade e hipermodernidade em Gilles Lipovetsky. **Perspectivas em Psicologia**, Uberlândia, v. 19, n. 2, p. 155-182, jul.-dez. 2015.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. Raízes históricas, sociais e teológicas do movimento pentecostal. **Simpósio ASTE**, São Paulo, ano XXXVII, v. 10, n. 48, nov. 2008.
- CHARLES, Sébastien. **Cartas sobre a hipermodernidade**: ou o hipermoderno explicado às crianças. São Paulo: Barcarolla, 2009.
- CHARLES, Sébastien. **Comte-Sponville, Conche, Ferry, Lipovetsky, Onfray, Rosset: é possível viver o que eles pensam?** São Paulo: Barcarolla, 2006.
- COSTA, Renato de Lima da. **Ética e religião em Gilles Lipovetsky**: uma análise da obra “A sociedade pós-moralista”. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- COSTA, Ana Paula. **A história da Lagoinha**. Site oficial da Igreja Batista da Lagoinha – lagoinha.com, set. 2006. Disponível em: <www.lagoinha.com/ibl-igreja/a-história-da-lagoinha/> Acesso em: 10/03/2016.
- CUNHA, Magali do Nascimento. **A explosão Gospel**: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X: Instituto Mysterium, 2007.
- CRUZ, Luiz Sergio da. **Tempos hipermodernos**: felicidade e consumo em Gilles Lipovetsky. 2015. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo.
- CRUZ, Daniel Nery da. A discussão filosófica da modernidade e da pós-modernidade. **Μετάνοια**, São João del-Rei, n. 13, 2011. Disponível em: <<http://www.ufsj.edu.br/revistalable>>. Acesso em: 31 jul. 2015.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ENTREVISTA a Gilles Lipovetsky. **Comunicação e Cultura**, n. 9, p. 155-163, 2010. Entrevista concedida a Carla Ganito; tradução e revisão de Ana Fabíola Maurício.

FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. As ciências das religiões. 3. ed. São Paulo: Paulus - SP, 2003.

FORBES, Jorge; REALE JÚNIOR, Miguel; FERRAZ JUNIOR, Tercio Sampaio (Orgs.). **A invenção do futuro**: um debate sobre a pós-modernidade e a hipermodernidade. Barueri: Manole, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. Bricolage vaut-il dissémination? Quelques réflexions sur l'opérationnalité sociologique d'une métaphore problématique. **Social Compass**, Louvain-La-Neuve, v. 52, n. 3, p. 295-308, sept. 2005.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008.

LEITE, Bruna T. S. **Localização das igrejas evangélicas no bairro Capelinha, Betim-MG 2014**. Belo Horizonte: Cegipar, 2014.

LIPOVETSKY, Gilles. L'individu plus que jamais... Entretien avec Gilles Lipovetsky, Georges Vigarello, Olivier Mongin et Michel Crépu. **Esprit**, Paris, v. 7-8, n. 91-92, p. 69-79, juil.-août 1984.

LIPOVETSKY, Gilles. Sedução, publicidade e pós-modernidade. **FAMECOS**, Porto Alegre, n. 12. p. 7-13, jun. 2000.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004a.

LIPOVETSKY, Gilles. O caos organizador. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 mar. 2004b. Caderno Mais, p. 4-7. Entrevista concedida a Marcos Flamínio Peres.

LIPOVETSKY, Gilles. Somos hipermodernos. **Jornal Extra Classe**, Porto Alegre, n. 084, ano 9, ago. 2004c. Entrevista concedida ao Jornal Extra Classe em 17 jul. 2004. Disponível em: < <http://www.extraclasse.org.br/edicoes/2004/08/somos-hipermodernos/>>. Acesso em: 16 jun. 2017.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Barueri: Manole, 2005a.

LIPOVETSKY, Gilles; ROUX, Elyette. **O luxo eterno**: da idade do sagrado ao tempo das marcas. São Paulo: Companhia das Letras, 2005b.

LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade pós-moralista**: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos. São Paulo: Manole, 2005c.

LIPOVETSKY, Gilles. O hedonismo fraturado. **IHU On-line**, São Leopoldo, v. 6, n. 184, p. 24-29, 12 jun. 2006a. Entrevista concedida a Marcos Flamínio Peres.

LIPOVETSKY, Gilles. O turbo-consumidor do século XXI é um consumidor “fractal”. **IHU On-line**, São Leopoldo, v. 6, n. 188, p. 48-50, 10 jul. 2006b. Entrevista concedida à revista IHU On-line.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007a.

LIPOVETSKY, Gilles; BERTRAND, Richard. **A sociedade da decepção**. Barueri: Manole, 2007b.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A cultura-mundo**: resposta a uma sociedade desorientada. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 2. ed. Lisboa: Gradiva, 1989.

MARQUES, Flávio. **Culto Céu na Terra**. Disponível em: <http://www.lagoinha.com/ibl-video/ceu-na-terra-pr-flavinho-250216/> Acesso em 10/03/2016.

MOREIRA, Thiago. **Da tradição à renovação na Igreja Batista da Lagoinha**: um olhar sobre o protestantismo renovado. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016, 140f.

MOREIRA, Junio dos Reis. **Aqui se tropeça em igrejas**. Trabalho apresentado no II Seminário *Religião e Cultura*, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

MURADAS, Atiliano. **Márcio conta como foram os últimos 40 anos**. Site oficial da Igreja Batista da Lagoinha - lagoinha.com, jul. 2012. Disponível em: <<http://www.lagoinha.com/ibl-vida-crista/marcio-counta-como-foram-os-utimos-40-anos/>>. Acesso em: 10/03/2016.

OLÉRIA, Ellen. **Testando**. YouTube, 14 dez. 2012. Disponível em: <<https://youtu.be/mYA43VTpxIA>> Acesso em: 25 jul. 2017.

PEREIRA, Reinaldo Arruda. **Igreja Batista da Lagoinha**: trajetória e identidade de uma corporação religiosa em processo de pentecostalização. 2011. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Faculdade de Humanidades e Direito, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

RIVERA. Paulo Barrera. **Tradição, transmissão e emoção religiosa**: sociologia do protestantismo contemporâneo na América Latina. São Paulo: Olho D'Água, 2010.

ROSAS, Nina Gabriela M. B. Neopentecostalização de igrejas históricas protestantes. In: **Soter**. (Org.) Anais do 22º Congresso da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião Soter. Paulinas: Edição Digital-Ebook, vol. 3, 2009.

VALADÃO, André. **Culto Fé**. Disponível em: <<http://www.lagoinha.com/ibl-video/01032016-culto-fe-pr-andre-valadao/>> Acesso em 10/03/2016.

VALADÃO, Márcio. **História da Lagoinha**. Entrevista ao presidente da Igreja Batista da Lagoinha, por Adriana Santos. 25 set. 2006. Disponível em: <<http://www.lagoinha.com/ibl-igreja/a-historia-da-lagoinha/>>. Acesso em: 02/03/2016.

VALLE, Rui Brasileiro do. **Carta aberta de Ruy Brasileiro do Valle a José Rêgo do Nascimento**. Maio de 1959. Disponível em: <http://opbcb.org/biblioteca/download/classicos/Carta_Aberta_de_Ruy_Brasileiro_do_Valle_a_Jose_Rego_do_Nascimento.pdf> Acesso em 02/03/2016.

VIGARELLO, Georges. Le deuxième âge de l'individualisme. **Esprit**, Paris, v. 7-8, n. 91-92, p. 63-68, juil.-août 1984.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

